

Memória

Theodomiro Santos, o potiguar que foi o primeiro condenado à pena de morte da República brasileira

Luxo Português

O badalado lançamento da marca de Charles Philippe d'Orléans e Álvaro Pastor no Palácio do Estoril

Ivone Alves

Primeira-dama ao lado do ministro e governador Aluísio Alves, foi mulher de fé, coragem e opiniões impactantes

O CONTADOR DE HISTÓRIAS

GÊNIO DAS LETRAS COM SOTAQUE NORDESTINO, IVAN LIRA DE CARVALHO TRANSFORMA SUA SIMPLICIDADE DE TRAQUEJO EM Suntuosa forma de contar histórias por ele pesquisadas. E mais uma ótima ele conta nesta edição 😊

A man with a beard and mustache, wearing a white polo shirt and a tan apron, is smiling and looking down at something in his hands. He is in a bakery or grocery store, with shelves of bread and pastries visible in the background. The foreground is blurred, showing what appears to be a counter or display case.

Quer um parceiro
para empreender?

Sim
Sicredi



Soluções financeiras com taxas justas e relacionamento próximo de verdade.

Seja qual for o tamanho da sua empresa, aqui você tem um parceiro que faz a diferença. Aqui a gente dá valor para a sua vida financeira, entendendo suas necessidades e oferecendo soluções personalizadas para o seu negócio.

Venha abrir uma conta com a gente.

Relacionamento que facilita:

- Mais de 1.600 agências no Brasil.
- Internet Banking e Aplicativo.





O Manary oferece 23 apartamentos lindamente decorados e equipados. Adicionalmente, o Hotel dispõe de bar, restaurante, piscina, Spa, Internet wi-fi gratuita no apartamento e na piscina e room-service sob consulta. Os mais renomados Guias de Viagem nacionais e internacionais destacam o Manary Praia Hotel como sendo o melhor Hotel de Natal ou da Praia de Ponta Negra.

www.manary.com.br  

Fones: +55 84 3204 2900 / 84 98148 2573

R. Francisco Gurgel, 9067 • Praia de Ponta Negra - Natal • RN • CEP: 59090-050 • Brasil

*** Prorrogado ***

Mês IMPERDÍVEL

Unimed Natal

PLANOS A PARTIR DE

R\$ 117,53*

**CORRA E ADQUIRA O MELHOR E
MAIOR PLANO DE SAÚDE DO RN
PARA A SUA EMPRESA COM
CONDIÇÕES ESPECIAIS E
PREÇOS DE 2019.**

CLIQUE AQUI e saiba mais

CUIDAR DE VOCÊ. ESSE É O PLANO.

Unimed
Natal

**Ligue 3220.6200
ou fale com o seu corretor**

 @UNIMEDNATAL
UNIMEDNATAL.COM.BR

*Linha Life EMPF-E, PME I, Registro ANS 480431/15-7 para empresas de 02 até 29 vidas, com franquias e acomodação. Promoção válida até 30/09/2020. O preço de R\$ 117,53 é referente à faixa etária de 0 a 18 anos.

Aqui e d'alémar

Minha sensação a cada edição da Revista Bzzz é a de dar à luz a um filho. Eita, que a família tá gigante, hein?! Mas é assim que acontece. É produzida com uma mistura densa de amor, dedicação, ansiedade, palpitações...até chegar ao nascimento. Ufa! Viva!!! Não é fácil. Mas o resultado compensa. A repercussão, então, robustece continuar firme e forte. Afinal, escrever é preciso. E quando se é história, então.

Orgulha-me quando ouço, de pessoas das mais influentes aos mais anônimos, que a Bzzz é uma das mais valiosas produções de resgate da memória não apenas do Rio Grande do Norte, mas também de vários cantos e recantos do Brasil. Idem, d'alémar e demais países da América Latina. E do Norte também. Já percorremos muito desse mundão.

Na edição passada tivemos a honra de contar com a colaboração de um paraibano de Cuité que está entre os mais cultos destas terras de potis-estudiosos: Ivan Lira de Carvalho. E nesta, ele nos concedeu sua verve para um bate-papo que conta um pouco da sua história de contar história. Completado por suas bem traçadas linhas sobre um ilustre potiguar ainda desconhecido por muitos: José Inácio Fernandes Barros.

E nossa querida colaboradora Sabrina Mahler, a chef-viajante, discorre sobre reflexões de viagens nesses turbulentos tempos de pandemia do novo coronavírus. Ela que viveu a ingrata experiência de ficar 'presa' no Peru com o filho, até serem repatriados pelo governo brasileiro. Na retrospectiva, relembramos a história de Theodomiro Santos, o potiguar que foi o primeiro condenado à pena de morte no Brasil após a proclamação da República. Escapou da morte, passou no concurso para juiz do Trabalho em Pernambuco e recusou a pensão pelos anos que passou na prisão.

Nas páginas de festas, confira o lançamento da marca masculina No Logo Polo, em elegante Champagne Garden Party no Palácio do Estoril, em Portugal.

Leia sem moderação!
Eliana Lima



PUBLICAÇÃO:

JEL COMUNICAÇÃO

BZZZ ONLINE

ATUALIZAÇÃO DIÁRIA E BLOGS

www.portaldaabelhinha.com.br

 @revistabzzz

 Revista Bzzz

SUGESTÕES DE PAUTA,

CRÍTICAS E ELOGIOS

revistabzzz@portaldaabelhinha.com.br

EDITORIA

ELIANA LIMA

elianalima@portaldaabelhinha.com.br

PROJ. E DIAGRAMAÇÃO

TERCEIRIZE EDITORA

www.terceirize.com

COMERCIAL

EDILÚCIA DANTAS

(84) 99109 9678

CAPA

ARQUIVO PESSOAL



O paraíso é aqui!

A 28 quilômetros de Natal, à beira-mar da praia de Camurupim, conhecida pelas suas piscinas naturais, fica o Colmeia Chales, perfeito para momentos de lazer e relax.

São chalés para seis e quatro pessoas, totalmente equipados para se sentir em casa, inclusive área de serviço e quintal.

Para o lazer, piscina, churrasqueiras, salão de jogos, redário, pranchas de surfe com remo. Oferece estacionamento privativo coberto e a água totalmente filtrada.



Praia de Camurupim - Nisia Floresta / RN

(84) 99962-3991

www.colmeiachales.com.br

REPORTAGEM PERSONALIDADE
VIVIANE LYRA ALVES



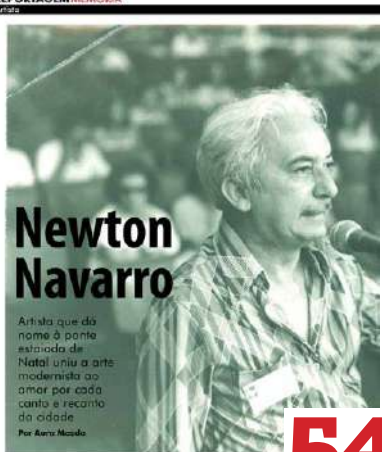
A primeira-dama

Ela foi uma mulher de fé e coragem, de sorriso largo e opiniões impetuosas. Deixou sua marca na sociedade e na política polígua ao lado do marido, que foi ministro e governador do Rio Grande do Norte, Aluizio Alves

Por Thingo Cavalcanti
Fotos: Arquivo de família
Tribuna do Norte e João Neto

12

REPORTAGEM MEMÓRIA
ALUIZIO ALVES



Newton Navarro

Artista que dá nome à ponte estaiada de Natal uniu a arte modernista ao amor por cada canto e recanto da cidade

Por Bento Maciel

54



10 | AS LISBOETAS



46 | VIAJANDO COM SABRINA MAHLER

68 | FESTAS

74 | ARTIGO

ESPECIAL BRASÍLIA
ONTEM E HOJE



PLANALTO



Cidade construída pela força da vontade para acomodar os maiores poderes do País, Brasília continua desbravadora, burocrática e se reinventa na padronização dos grandes centros urbanos. *Mário Kato*

Plano Piloto convive com a arquitetura moderna e o caos solitário nos fins de semana ganhou vida e população em

Por Camilla Pinheiro
Fotos: Arquivo Público do Distrito Federal

20

REPORTAGEM HISTÓRIA
EU E NATAL



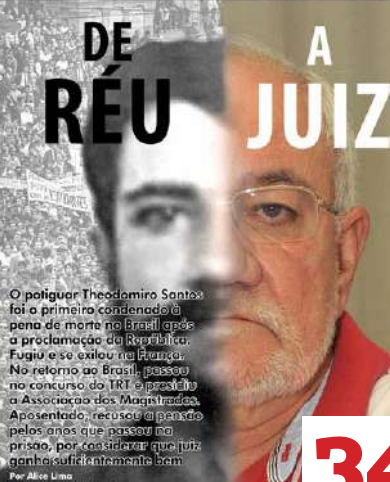
Parceiros antigos

A ligação do Rio Grande do Norte com os Estados Unidos vai além do período da Segunda Guerra Mundial. O estado foi o maior beneficiário do Brasil com recursos financeiros norte-americanos para investir em educação, após intervenção feita pelo então governador Aluizio Alves

Por Rafael Barbosa

62

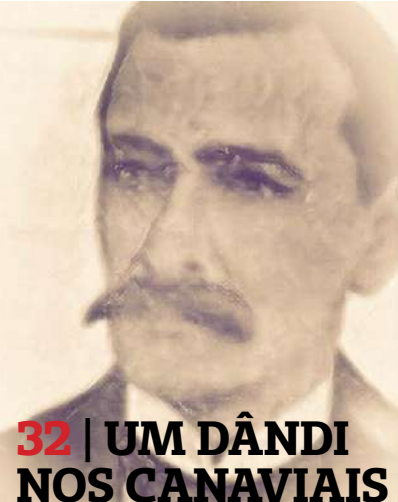
DE RÉU A JUIZ



O polígua Theodamiro Souto foi o primeiro condenado à pena de morte no Brasil após a proclamação da República. Fugiu e se exilou no exterior. No retorno ao Brasil, passou no concurso do TRT e presidiu a Associação dos Magistrados. Aposentado, recusou a prisão pelos anos que passou no cárcere, por considerar que já tinha ganho suficientemente bem

Por Alice Lima
Fotos: Arquivo e Dinágora

34



32 | UM DÂNDI NOS CANAVIAIS



Registro de Incorporação N. 7376 - Matrícula: 78, Fls. 197/199 - Premotação N. 15.144 - Datado: 11/11/2019
Registro Notorial de Touros/RN

Informações sobre o *Petit Condomínio* **84 3693.2027**

Rua Principal, 05 - Praia de São José - Paraíso do Gostoso - Touros/RN - CEP: 59.584-000
reservas@pousadaspadosamores.com.br

www.pousadaspadosamores.com.br



ELIANA LIMA

elianalima@portaldaabelhinha.com.br

GOSTOSO, NÉ?!

Pegue o caminho da Praia de Camurupim, no litoral sul do Rio Grande do Norte, e entre quando a seta indicar Lagoa de Arituba.

Lá você vai encontrar um restaurante asiático de uma família japonesa onde os sabores passam por culinárias japonesas, tailandesas e indianas.

O chef é um monge que serve pratos naturais, sem nenhum uso de química, e as demais são budistas.

Funciona nos fins de semana e feriados.

Atendimento sob reserva, passo o contato: (84) 99190-5373.



SENSACIONAL!

Antes de Camurupim, na Barra de Tabatinga, você segue em direção à praia, até chegar à Ponta da Tartaruga. Lá encontrará um lugar único, muito, muito, muito bacana: Tempero da Zefinha. Restaurante pé na areia, tipo cabana estilizada que reúne o rústico e o sofisticado.

E a cozinha é supimpa! Claro, com preferência para os frutos do mar. Tudo fresquinho, que os proprietários, Eloína e Jory Trigueiro, compram de uma colônia de pescadores.

E em horário de maré baixa, é se jogar numa maravilhosa piscina natural, com a água sempre morninha. Também é com reserva: (84) 99666-2285.

UAU!

Pegando a Rota do Sol rumo ao litoral norte do RN, entre no caminho que leva ao município de Pureza, lugar de fontes naturais. A água límpida jorra da terra. Procure por um local chamado Shuï Brasil, um day use de cenário paradisíaco com piscinas naturais de águas cristalinas e subtermais que brotam das fontes dentro da propriedade, em meio a um bananal.

Passe o dia em um bangalô privativo, com direito a almoço completo (entrada, dois pratos e sobremesa). Necessita reserva: (84) 99620-0419



D'ALÉMAR

Vamos a Lisboa. Em pleno histórico Hotel Internacional, com vista para o Rossio e a estátua de D. Pedro IV.

Seu destino é O Bastardo, um charmoso e descolado restaurante de cozinha portuguesa revisitada, digamos assim, pois se mistura a culturas, estilos e conceitos duma cozinha tradicional em movimento, do clássico ao contemporâneo.

Os pratos são servidos de forma simplesmente simples e sofisticada, com sabores que recebem toques de ervas e flores da horta do hotel, que também servem de base para chás e ótimos coquetéis.

BELÉM

Na lateral do Mosteiro dos Jerônimos fica o maravilhoso Tsukiji Restaurante Wine & Sake Bar. O nome é inspirado no mercado japonês que por mais de 80 anos foi o maior do mundo.

A cozinha que passeia pela alma portuguesa e os mistérios asiáticos tem assinatura do chef Paulo Morais. São vários ambientes, que encantam desde a entrada. Na sala principal tem um balcão de peixes e mariscos frescos, refrescado por vapor de água.

O Wine & Sake Bar abre todos os dias. Conta com mais de 100 rótulos de vinhos portugueses, champanhes e cerca de 20 tipos de saquê.

Para reservar: reservas@tsukiji.pt





A primeira-dama

Ela foi uma mulher de fé e coragem, de sorriso largo e opiniões impactantes. Deixou sua marca na sociedade e na política potiguar ao lado do marido, que foi ministro e governador do Rio Grande do Norte, Aluizio Alves

Por Thiago Cavalcanti

Fotos: Arquivos de família

Tribuna do Norte e João Neto

A EXPRESSÃO “POR TRÁS DE UM grande homem há sempre uma grande mulher” se transforma quando se trata de Ivone Lyra Alves. A máxima segue “ao lado de um grande homem existe uma grande mulher”. Vamos à história dessa grande mulher. Na provinciana Natal dos anos 40, a segunda filha de uma prole de cinco do casal Lídia e Luís Lyra, família que morava em um sobrado na Praça Pedro Velho (que mudou de nome na Ditadura para Praça Cívica, e retornou ao antigo batizo após a derrubada do sistema) - começa a paquera com o seu grande amor no Grande Ponto, centro da cidade.

Semanas depois, a estudante da tradicional Escola Doméstica, instituição só para mulheres inspirada na educação suíça, reencontrou-o em um baile do Aero Clube. Daí em diante selam o namoro. No começo, nada de flores, pois sua sogra preferia que Aluizio namorasse as moças da cidade Angicos, terra natal da família Alves. Mas a jovem Ivone era uma mulher determinada e aos poucos foi agradando a sogra, até ganhar a sua simpatia. Conseguiu e no dia 30 de setembro de 1944 o matrimônio foi sacramentado na Igreja Santa Terezinha.

Iniciou-se uma nova fase em sua vida, não apenas por ser a partir do casamento a dona da casa, mas por também passar a seguir os rumos políticos do marido, que chegara ao primeiro mandato de deputado federal, em 1946. Quando embarcou para o Rio de Janeiro, à época capital federal, o casal levou o único filho, Aluizio Filho. A família se instala numa confortável casa no Jardim Botânico. Logo vieram os gêmeos Henrique Eduardo e Ana Catarina.

O Rio de Janeiro vivia a efervescência do poder. Bailes e festas faziam parte da programação do casal Alves. Ivone começa a transitar entre os grandes nomes da política brasileira e do jet-set carioca. Bem humorada e espontânea em suas afirmações, conquistou uma legião de amigos, querida e convidada por muitos.





Sofisticação

A elegância também era sua marca registrada. Durante a temporada carioca, vestia-se na tradicional Maison Casa Canadá, que tinha na cartela de clientes nomes como Sara Kubitschek, Carmen Mayrink Veiga, as potiguares Yedda Porto Santos e Lucy Cabral. Também gostava da Maison Elle et Lui. Essas eram as preferidas na cidade maravilhosa. Quando vinha a Natal, frequentava as butikues Formosa Síria e Casa Rio. Do Recife, capital pernambucana, mandava trazer o badalado costureiro Marcílio Campos, que desenhava e fazia seus vestidos de festa.

Como toda mulher elegante, as

joias faziam parte de sua vida e Ivone adorava. Seu porta-joias era recheado de belas peças. Os brilhantes faiscavam em brincos, anéis, pulseiras e gargantilhas. Mas sua preferida era um conjunto de brilhantes e esmeraldas colombianas, porque fazia alusão à cor do partido do marido, o então MDB, hoje PMDB.

Mulher de gosto apurado, sempre gostou de artes e decoração. Adorava ir a feiras e leilões de antiguidade. Decorava suas residências com obras de arte garimpadas em suas andanças pelo mundo. Tinha o famoso “olho clínico” para belas peças e sabia distinguir o verdadeiro e o falso.

Primeira-dama

No início da década de 60, começa uma nova era para a jovem Ivone Lyra Alves. O marido Aluísio Alves se torna governador do Rio Grande do Norte e ela, a primeira-dama. Governo que foi de 1961 a 1966. A família passou a morar na residência oficial do governador, localizada na Avenida Hermes da Fonseca. No dia 9 de janeiro de 1961, nasceu mais um filho do casal: Henrique José.

Durante esse tempo, ela fez jus ao título de primeira-dama. Polivalente, levou o glamour e o social para o Estado. Recebia em sua residência tanto uma dama da sociedade quanto uma lavadeira, com o mesmo tratamento. Adorava receber. As festas em sua casa ficaram famosas, com músicos que trazia



A primeira-dama e o Governador

do Rio de Janeiro. Uma das atrações lembradas até hoje foi o cantor carioca Miltoninho.

Como primeira-dama, tinha que estar preparada para tudo. Num certo dia, Aluizio liga no meio da tarde e diz que preparasse jantar para um grupo de empresários paulistas e outros convidados. Ivone entrou em pânico. Como de última hora iria preparar um banquete para muita gente? Um dos empregados da casa, então, soprou para ela que no Cabaré de Maria Boa – famoso na cidade à época e muito frequentado por gente graúda – os galletos assados com farofa faziam muito sucesso entre os frequentadores.

Ela não perdeu tempo e mandou buscar 20 dos apreciados galletos, enfeitou os pratos e serviu aos convidados. A noite foi considerada perfeita, todos saíram encantados com o sabor da comida. Detalhe que apenas ela e o empregado sabiam da origem do repasto. Tempos depois ela revela à família e amigos, que soltaram gargalhadas com a astúcia e rapidez. Outra recepção que marcou época foi para comemorar os 15 anos dos gêmeos Henrique Eduardo e Ana Catarina. Toda a sociedade potiguar foi convidada. Ela sabia como ninguém receber, era perfeita anfitriã. “Mamãe era a alegria em pessoa, era o contraponto de papai, ele sisudo, ela espontânea. Gostava de agregar família e amigos”, lembra o filho Henrique Eduardo.

Mas nem tudo era festa na vida de Ivone Alves. Mulher de coração imenso, a palavra não era incomum no seu vocabulário. Como primeira-dama, assumiu a presidência da LBA (Legião Brasileira de Assistência), único órgão assistencial público da época. Mas preferia despachar na própria residência, com a ajuda da secretária Selda Moura. Não ficou limitada ao glamour, típico daquela condição. Preferia agir para manter na família a maior esperança de uma vida melhor àquelas pessoas cuidadosamente assistidas.



Acompanhando o filho Henrique Eduardo na sua primeira campanha

Tempos difíceis

Em todas as campanhas do marido ela se vestia toda de verde, uma legítima “bacurau” (denominação dada aos aluizistas), com o galho verde em punho, símbolo de uma época onde a política era feita no boca a boca.

Das reviravoltas, em fevereiro de 1969 o marido teve os direitos de deputado federal cassados pelo regime militar, a família começa a sofrer ameaças e privações, mas Ivone não deixou abater-se. Pulso firme, ao lado do marido e filhos, soube refazer e organizar a vida familiar. Em 1970, sua participação foi marcante na primeira campanha do filho Henrique Eduardo para deputado federal. Eleito, iniciou-se uma série de reeleições consecutivas, que o torna hoje o deputado com o maior número de mandatos no parlamento, ao lado de Ulysses Guimarães.

Exímia companheira, respirava política 24 horas. Presenciou muitos golpes e falsidades de pessoas ligadas ao poder. Sempre dizia em alto e bom som: “Política tem que servir para ajudar aos necessitados, senão, não serve para mais nada”.



Com o filho Henrique
Eduardo Alves

Mãe coruja

Ivone Lyra Alves ficou conhecida pelo seu extremo amor pelos quatro filhos. O instinto maternal era forte, ela ficava uma fera se alguém dissesse algo depreciativo sobre os seus filhos. Brigava mesmo.

“Em dias de jogos do Vasco da Gama, ela se juntava a mim e Henrique e torcia pelo nosso time. No dia que jogava o Flamengo, ela torcia pelo rubro-negro por conta de Henrique José, o caçula, mas no dia que os times se enfrentavam, ela ficava muda para não chatear a nenhum” conta o primogênito.

Em 1992 Henrique Eduardo se

candidatou a prefeito de Natal, na disputa com Aldo Tinoco, que saiu vitorioso. Dona Ivone era a primeira a chegar aos comícios do filho, sempre muito bem maquiada, de calça jeans e camisa com a estampa do herdeiro. Segundo a jornalista Thaísa Galvão, que presenciou todos os comícios, quando já estava fervendo de gente, era a hora de ser anunciada a entrada do candidato. E essa tarefa a mãe não abria mão de fazer. Dirigia-se ao locutor, recebia o microfone e anunciava a entrada de Henrique: “Já chegou meu tesouro, o futuro prefeito de Natal, ele é o melhor!”. Desfazia todo o protocolo e os eleitores adoravam e aplaudiam.

Com o filho caçula,
Eduardo José

Amiga fiel

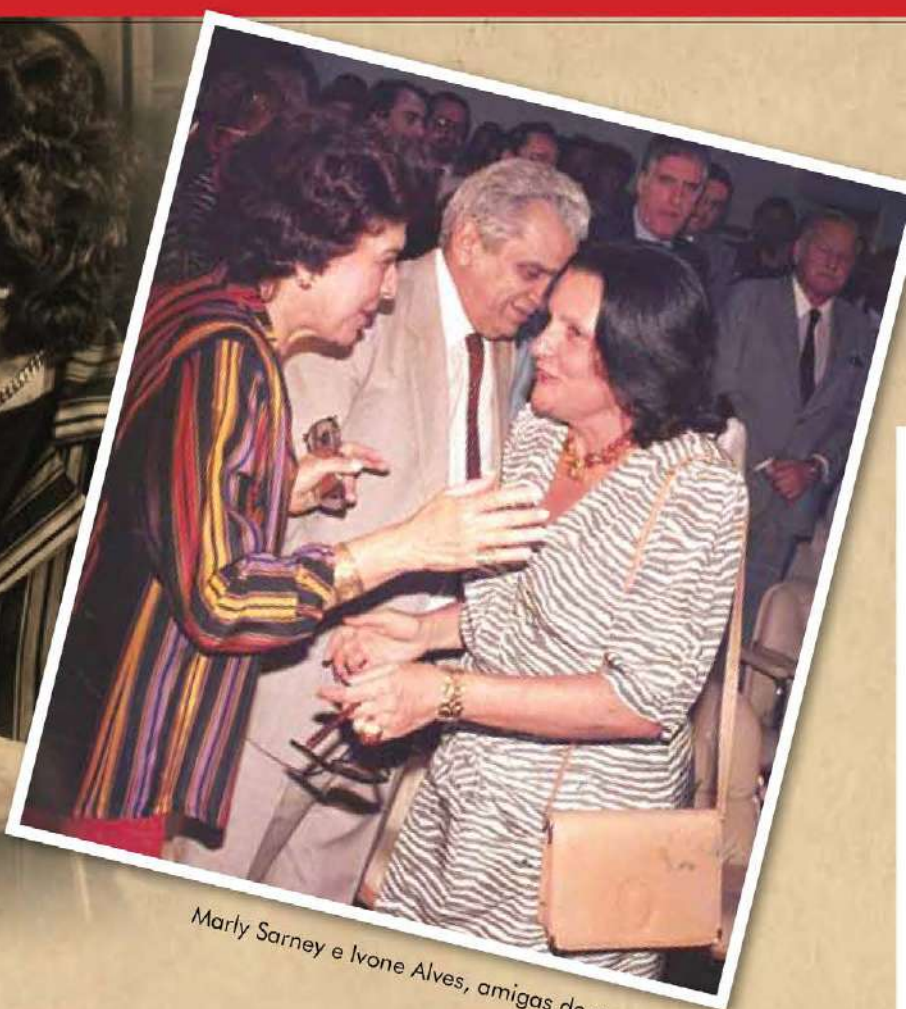
Fidelidade aos amigos, sempre. Ao longo de sua vida fez amizades por onde passou, Rio de Janeiro, Brasília e Natal. Não podia ver ninguém sofrendo que arranjava um jeito de ajudar. “Mamãe fez muita caridade sem ninguém saber, detestava mídia em sua generosidade”, afirma a filha Ana Catarina.

Uma de suas grandes amigas foi Marta Dantas, que recorda, com os olhos marejados: “Eu era de dentro de sua casa, nos falávamos todo santo dia. Toda sexta jantávamos no restaurante do Hotel Reis Magos, ela reunia vários casais. Fui muito a Brasília visitá-la. Éramos confidentes uma da outra. Não tenho palavras para descrever essa amiga, Ivone foi a irmã que eu não tive, um presente de Deus em minha vida”.

Outra grande amiga foi a cabeleireira Daluz Viana. “Quando comecei a despontar na cidade, com pouco tempo aparece em meu salão uma mulher ‘classuda’, educada, de cabelos negros. Era Ivone, a mulher do governador. Depois desse encontro, nunca mais nos largamos”, conta a cabeleireira, que viajou várias vezes com Ivone e a acompanhou a diversas festas no Copacabana Palace. Lá ela sempre a apresentava às suas amigas socialites cariocas e dizia: “Dadá é a tesoura de ouro de Natal”.

“Ivoninha era mulher muito espirituosa, ríamos muito. Ela adorava as minhas loucuras e brincadeiras. Graças a ela montei meu salão no hotel Reis Magos. As saudades são eternas dessa grande amiga”, emociona-se.

Fidelidade aos amigos era uma de suas marcas



Marly Sarney e Ivone Alves, amigas de uma vida

TV Cabugi

Ano de 1986, começa a era Sarney, ele o novo presidente do Brasil, depois do regime militar. Aluizio Alves assume como ministro da Administração no seu governo, a família Alves se muda para Brasília.

A então primeira-dama do Brasil, Marly Sarney, tem entre suas melhores amigas a potiguar Ivone Lyra Alves. Amizade que se estendeu às famílias. O presidente recebia a família Alves em almoços, missas e confraternizações em sua residência. Dona Ivone era muito querida pela família Sarney, qualquer pedido seu era uma ordem.

Em Natal, dois canais de TV aberta ainda não tinham afiliadas - a extinta TV Manchete e a TV Globo. As famílias Maia e Alves

disputavam as concessões desses canais, todos os trâmites da negociação estavam legais para ambas as famílias, mas claro que a galinha dos ovos de ouro era a Globo. Antônio Carlos Magalhães, então ministro da Comunicação, foi ao presidente José Sarney e pediu a concessão da afiliada Globo para a família Maia.

Ao saber do pedido, dona Ivone não perdeu tempo e marcou uma audiência com o presidente, escondida do marido. Na conversa, não atravessou caminhos de palavras e foi direta: "Sarney, adoro as novelas da Rede Globo, essa emissora tem que ser de Aluizio (Alves)". Ele respondeu que sim e, em consideração a ela, a concessão da TV Globo foi confirmada para a família Alves.



A irmã

Dos quatro irmãos, a ligação maior de dona Ivone era com a única irmã, Wanda Lyra. As duas não se desgrudavam, tanto que ela acompanhou Ivone no Rio e em Brasília. “Até hoje sinto falta de Ivoninha, fomos companheiras de uma vida. Sempre

teve muito cuidado comigo e meu filho, Leonardo Lyra. Quando saíamos, se ela comprasse um vestido para ela comprava um para mim também, era desprendida, gostava de ver as pessoas felizes”, conta a irmã orgulhosa.



Fé e devoção

Quem a conheceu se lembra de que uma de suas características era a fé inabalável. Católica fervorosa, devota de Nossa Senhora da Conceição, sempre pedia em suas orações pelos enfermos e necessitados. Ivone Lyra Alves morreu no dia 30 de agosto de 2003, aos 77 anos.

Durante o tempo em que morou no Rio de Janeiro, ela levou de Natal um oratório que foi comprado a uma tradicional família da cidade potiguar de Assú. Pois bem, esse santuário particular ficava na sala da sua residência. Na mudança para novo endereço, a peça ficou muito grande na sala, ela achou por bem vender, toda família concordou, exceto o filho Henrique, mas a mãe não contou conversa. Foi a uma feirinha de antiguidade e desfez-se.

Décadas passaram-se. Certo dia, Henrique Eduardo, passeando por uma feira de antiguidades no Rio de Janeiro, passa por uma loja e vê um oratório que lhe chamou atenção. Entrou e pediu para olhar de perto. Tomou um grande susto, era o próprio que anos atrás tinha sido vendido pela sua mãe. Detalhe: estava reservado para um empresário paulista, mas Henrique contou a história do oratório, convenceu o dono da loja e levou a relíquia para sua casa.



PLANALTO



Cidade construída pela força da vontade para acomodar os maiores poderes do País, Brasília continua desbravadora, burocrática e se reinventa na padronização dos grandes centros urbanos. Hoje, seu Plano Piloto convive com a arquitetura moderna e o cotidiano antes solitário nos fins de semana ganhou vida e população crescente

Por Camila Pimentel

Fotos: Arquivo Público do Distrito Federal



INTENSO



VOCÊ CONHECE A HISTÓRIA de crescimento e transformação de Brasília? A capital do Brasil é uma cidade que encanta não só por ter sido planejada ou por sua arquitetura com projetos de Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, mas também por ter uma história que a diferencia de todas as outras cidades do País. Pesquisar sobre a capital federal não é difícil. Cada um dos quase três milhões de habitantes tem a sua ligação com a cidade.

Uma informação pouco divulgada é que a cons-

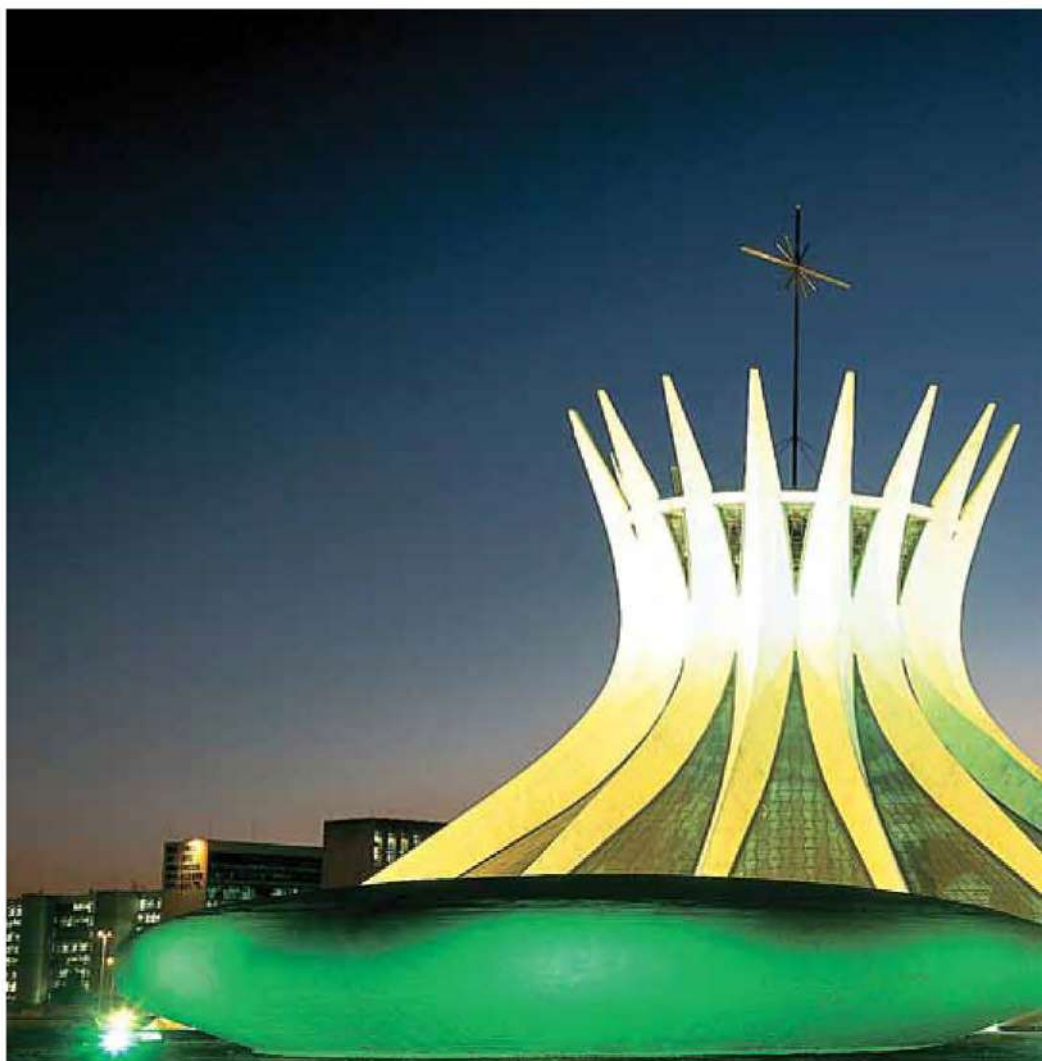
trução da capital do País começou a ser planejada desde a elaboração da primeira Constituição do Brasil, em 1891. Nela foi delimitada legalmente a região onde seria erguida a futura sede dos poderes brasileiros. Mas a execução do que estabelecia a Constituição só foi executada pelo presidente Juscelino Kubistchek, inaugurada em 21 de abril de 1960, seguindo plano urbanístico de Lúcio Costa e orientação arquitetural de Oscar Niemeyer. Completou 54 anos de existência. Anos de intensas mudanças, com dados positivos e negativos.

Brasília foi planejada para receber apenas 500 mil habitantes, mas o número atualmente quase sextuplicou, contando com a população das cidades satélites. Apesar das suas peculiaridades, tem em comum com as demais cidades o crescimento desordenado e hoje enfrenta problemas como qualquer urbe do país, como trânsito caótico e alta criminalidade.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população no Distrito Federal cresceu 2,24% em um ano. Em julho de 2013, a população na capital federal era de 2.789.761 pessoas. Um ano depois, o número de habitantes chegou a 2.852.372.

Os primeiros moradores começaram a chegar antes mesmo da inauguração oficial, afinal tinha que se construir a cidade. Os primeiros moradores habitaram onde hoje está localizada a cidade satélite de Candangolândia, e a residência do presidente Juscelino Kubitschek, que fez questão de acompanhar de perto todo o processo de construção, era onde hoje é o Gama, também cidade satélite.

O Distrito Federal é composto, além de Brasília, por regiões administrativas e cidades satélites, tais como Águas Claras, Brazlândia, Candogolândia, Ceilândia, Cruzeiro, Fercal, Gama, Guará, Itapoã, Jardim Botânico, Lago Norte, Lago Sul,





Núcleo Bandeirante, Paranoá, Park Way, Planaltina, Recantos das Emas, Riacho Fundo, Samambaia, Santa Maria, São Sebastião, Sobradinho, Sudoeste/Octogonal Taguatinga, Varjão e Vicente Pires.

Após sua inauguração, passou a receber pessoas de todo o Brasil, pois Executivo, Legislativo e Judiciário precisavam funcionar a pleno vapor e eram necessários funcionários. Iniciou-se, então, a ocupação oficial da capital do país. Cidade agitada durante a semana e pacata nos fins de semana. Assim era Brasília, mas hoje a realidade é muito diferente, com complexos de lazer como bares, restaurantes e parques ecológicos, que atraem moradores e visitantes. Nos fins de semana, nada mais de cidade-deserto. São dias intensos que começam com o hábito de praticar atividades ao ar livre no Plano Piloto e no Eixão, nas asas Sul e Norte. Lá, os brasilienses e moradores da cidade podem curtir skate, patins, caminhar, correr e andar de bicicleta.

O servidor público Tácio Moraes chegou à capital do poder no ano de 1982, vindo da cidade de Caicó, no Rio Grande do Norte. Para ele, Brasília nunca foi uma cidade dormitório. “As pessoas receberam incentivos para

morar aqui. Funcionários do governo federal tinham direito a apartamento funcional. Apartamentos que no governo Collor foram vendidos. Hoje, com o concurso público, Brasília começou a ser habitada. As cidades dormitório para mim são Gurá, Águas Claras e o Entorno de Goiás, que todos vêm trabalhar no Plano Piloto”, analisa.

Morais ressalta que quando chegou à capital federal muitas quadras das asas Sul e Norte ainda estavam sendo construídas e o seu objetivo maior era se tornar funcionário público. “Comecei a fazer um concurso atrás do outro. Brasília é o referencial nesta área. Passei para ser sargento do Exército e depois para oficial de Corpo de Bombeiros. Hoje sou funcionário da Câmara Legislativa do Distrito Federal”, conta.

Sobre o desenvolvimento populacional, diz que a política realizada pelo então governador Joaquim Roriz, que governou o DF por quatro mandatos (1988 a 1990; 1991 a 1995; 1999 a 2003; 2003 a 2006), incentivou as invasões e a criação de novas cidades satélites e com isso a capital perdeu qualidade de vida no quesito segurança pública. “Hoje Brasília é muito violenta. À

medida que a cidade cresceu a violência também aumentou. Hoje a minha maior preocupação é a segurança”.

Credita ao aumento da movimentação do Plano Piloto três itens: gastronomia, lazer e a implementação do metrô. “Atribuo essa mudança de comportamento em relação à vida do Plano Piloto a facilidade do transporte público. Com o metrô, as pessoas vêm mais ao Plano, até mesmo nos fins de semana”.

O brasiliense Edilson França, oficial do Corpo de Bombeiros, também atribui o crescimento populacional de Brasília ao ex-governador Joaquim Roriz. “Na minha infância tudo era diferente, íamos ao Plano e não tinha movimento algum de carro e nem de pessoas. Hoje você vai lá e encontra famílias inteiras em busca de lazer ao ar livre nos parques ou mesmo no Eixão”.

Considera que no fim da década de 1980 e início de 1990 Brasília era tranquila, pacata e sem violência, realidade hoje diferente. “No período da minha infância, a diferença é a segurança. Naquela época as ruas eram muito mais seguras, a criminalidade era muito mais baixa, a gente podia ficar na rua até mais tarde. Éramos mais livres”, lamenta.



Tácio Moraes





Para ele os pontos de movimento mudaram consideravelmente. “Quando era criança, o comércio de Brasília era na W3 Sul (uma das principais avenidas da cidade), mas com o surgimento dos shoppings isso mudou, tanto que o comércio da W3 morreu”. Diz que ainda existe a população dormitório em Brasília, que tem o hábito de passar o fim de semana fora. “Ainda tem o pessoal que vem como parlamentar e assessor e quando chega sexta-feira sai da cidade. Mas Brasília tem a população ao redor que fica aqui nos fins de semana”, complementa.

Quanto ao lazer, cita dois lugares: O Parque da Cidade e a Ermida Dom Bosco, que fica à beira do Lago Paranoá e é um local para prática de atividades aquáticas com caiaque, lanchas e outros equipamentos náuticos. Para ele, Brasília ainda precisa melhorar. “Precisamos de um desenvolvimento comercial e industrial para acomodar a população. Não tem como negar que o fator social e econômico interfere na criminalidade”.

A professora Rafaela Asmar chegou a Brasília em 1988 e relata o começo dos anos 1990 na capital federal. “Lembro que no comecinho dos anos 1990 podíamos atravessar as ruas sem nem olhar para os lados nos finais

de semana. A cidade era muito mais vazia. Durante minha adolescência, posso dizer que todas as pessoas com as quais convivi não eram daqui. Hoje conheço vários brasilienses. A cidade está mais cheia e mais plural”, ressaltou.

Sobre Brasília deixar de ser uma cidade dormitório, a professora opina que as pessoas hoje moram na capital. “A cidade oferece lazer, cultura e tem vida própria. Antigamente não era bem assim, as pessoas vinham para trabalhar durante a semana, em sua maioria, e voltavam para suas cidades nos fins de semana. Isso aconteceu, inclusive, comigo. Minha mãe veio transferida em 1987 e passamos um ano assim, até que nos mudamos pra cá. Ela morava em um hotel na época, só depois organizamos um apartamento”.

Sobre os lugares mais atraentes para passear em Brasília, diz que gosta de sentar de frente para o Palácio e ouvir o vento na Bandeira. “Os espaços livres e gramados das entrequadras também adoro. Brasília tem o dom de proporcionar essa sensação de liberdade sem que tenhamos que nos esforçar muito, céu lindo e uma estrutura que não encontramos em nenhum lugar do mundo”, finaliza.



MUSEUS EM BRASÍLIA

Catetinho

Museu da Cidade

Museu Nacional Honestino

Guimarães

Espaço Lúcio Costa

Memorial dos Povos Indígenas

Memorial JK

Museu de Valores do Banco

Central

Museu Vivo da Memória

Museu da Gema

Museu de Arte de Brasília



PARQUES

Parque da Cidade

Parque Ecológico de Águas Claras

Parque dos Jequitibás

Jardim Botânico de Brasília

Parque Asa sul

Parque do Areal

Parque Bosque do Sudoeste

Parque Ecológico Ezechias

Heringer

Parque Ecológico Três Meninas

Parque Ecológico Dom Bosco

Parque Olhos D'Água

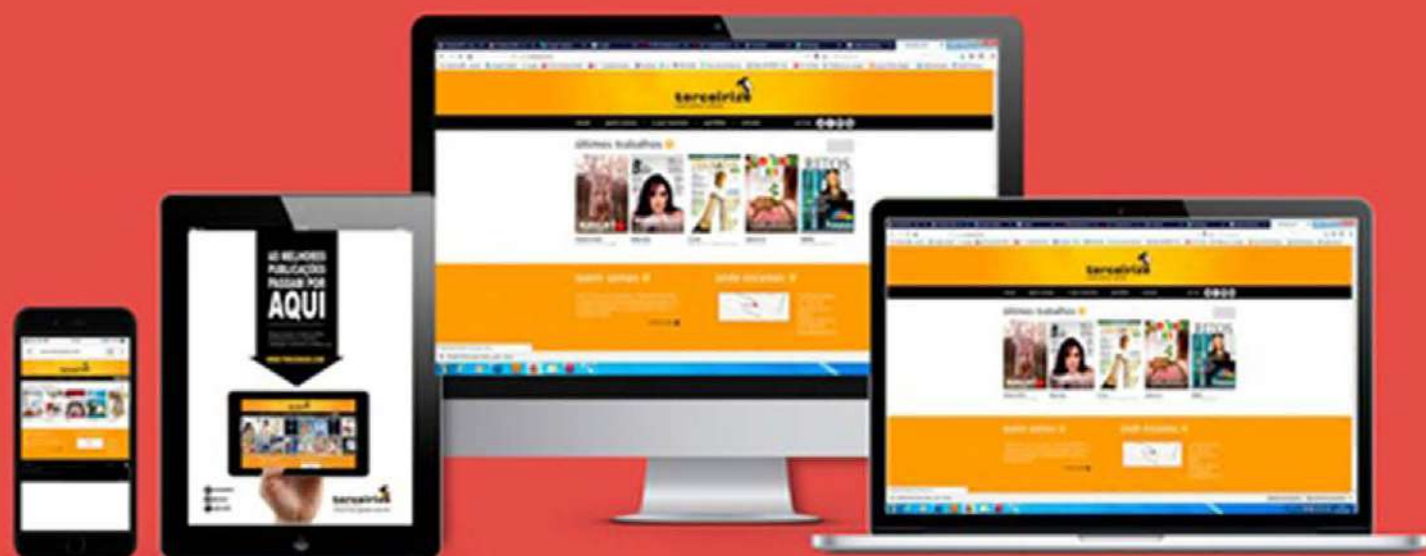
Parque Ecológico Saburo

Onayama

Parque Lado Cortado



LIVRO VERSÃO
DIGITAL
BAIXO CUSTO
E AMPLO ALCANCE



@TERCEIRIZEEDITORIA



@TERCEIRIZE



84 99930 9984

www.terceirize.com



IVAN LIRA DE CARVALHO

O contador **de histórias**

GÊNIO DAS LETRAS.
COM SOTAQUE
NORDESTINO, ENTÃO.
A SIMPLICIDADE
DO TRAQUEJO
DE IVAN LIRA DE
CARVALHO GANHA
SUNTUOSIDADE NA
FORMA COMO CONTA
HISTÓRIAS POR
ELE PESQUISADAS.
SEJA EM VIVA VOZ
OU NA REUNIÃO DE
PALAVRAS ESCRITAS

Por Eliana Lima
Fotos: Arquivo Pessoal

Ele tem um currículo tão extenso, que se fosse relacionar tudo aqui faltariam páginas na revista. O currículo é quase um livro.

Poderia dizer que Ivan Lira de Carvalho, 63 bem-vividos anos, é multi. Palavra que significa muito. Que equivale ao poli grego. Multus, no latim.

Pai dedicado de Marília, Lucas, Laura e Vicente, divide seu tempo entre as atividades de Juiz Federal no Rio Grande do Norte, professor de Direito Penal no curso de Direito da UFRN, e de Direito Penal Econômico no mestrado em Direito da mesma instituição.

Conhecido pelo seu vasto conhecimento e pela capacidade intelectual, é nada menos que membro da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, da Academia de Letras Jurídicas do RN, do Instituto Histórico e Geográfico do RN e do Conselho Estadual de Cultura do Rio Grande do Norte.

E não deixa de lado os momentos de prazeres da vida social, digamos assim. Esse adepto de história, cinema e literatura também aprecia samba, frevo, viagens, cantoria de viola e cachaça de qualidade. Não obrigatoriamente nesta ordem, elementar.



Com os filhos Laura e Vicente na Capela de Utinga, zona rural de São Gonçalo do Amarante. Século Dezoito



Com Diógenes da Cunha Lima, Carlos Gomes, Leide Câmara, Lalinha Barros e Betânia Ramalho



Com Roberto Lima, poeta, compositor, escritor e imortal da Academia de Letras do RN



Em um dos muitos discursos aplaudidos



Os acadêmicos Lalinha Barros, Paulo de Tarso Correia de Melo, Sônia Faustino

Pergunto: ser juiz ou professor?

Ele nem titubeia: – Os dois. Mas um dia serei obrigado a deixar de julgar, por força da aposentadoria compulsória. O mesmo não acontecerá com a docência.

Quais as páginas de autores universais não saem da sua memória?

Resposta rápida: – Eça de Queiroz, Machado de Assis e Gabriel García Márquez.

E sabe qual é a cantora brasileira predileta desse imortal de Cuité, na Paraíba?

Ela: Roberta Sá.

Ele explica: – E não é por ser potiguar. Cantando bem daquele jeito e com o domínio de palco

que tem, podia ter nascido em qualquer lugar do Brasil e ainda assim teria o meu aplauso de primeiro lugar.

Ivan Lira é um defensor aguerrido da preservação da história. E é no topônimo que defende os nomes originais de ruas, principalmente da cidade que adotou para ser a sua: Natal.

Pergunto: defende a imutabilidade dos nomes das ruas?

No que ele amplia: – E das praças e dos becos também. Por duas vertentes: o povo assimila a toponímia; é um direito cultural de cada pessoa. E em se tratando de nome de gente, não pode a memória dos patronos ser ofendida com a retirada da homenagem.

Privilégio

E a Revista Bzzz passou a contar com a colaboração do multi Ivan Lira para contar o que muito prezamos: história.

Desde a edição passada que as nossas páginas estão recheadas de memórias resgatadas em texto leve, inteligente e com um toque de humor da nossa brava e, como dizem por aí, arrastada linguagem de um sotaque *nordestinês* peculiar.

E nesta edição ele conta a história de um potiguar ainda desconhecido por muitos, mas muito importante pr'essas terras de potis-históricos: José Inácio Fernandes Barros.

Deleitem-se com o texto de Ivan Lira de Carvalho, na próxima página.



Com a pesquisadora Leide Câmara, na Academia Norte-rio-grandense de Letras



Os irmãos Diógenes e Daladier da Cunha Lima



Ivan Lira de Carvalho

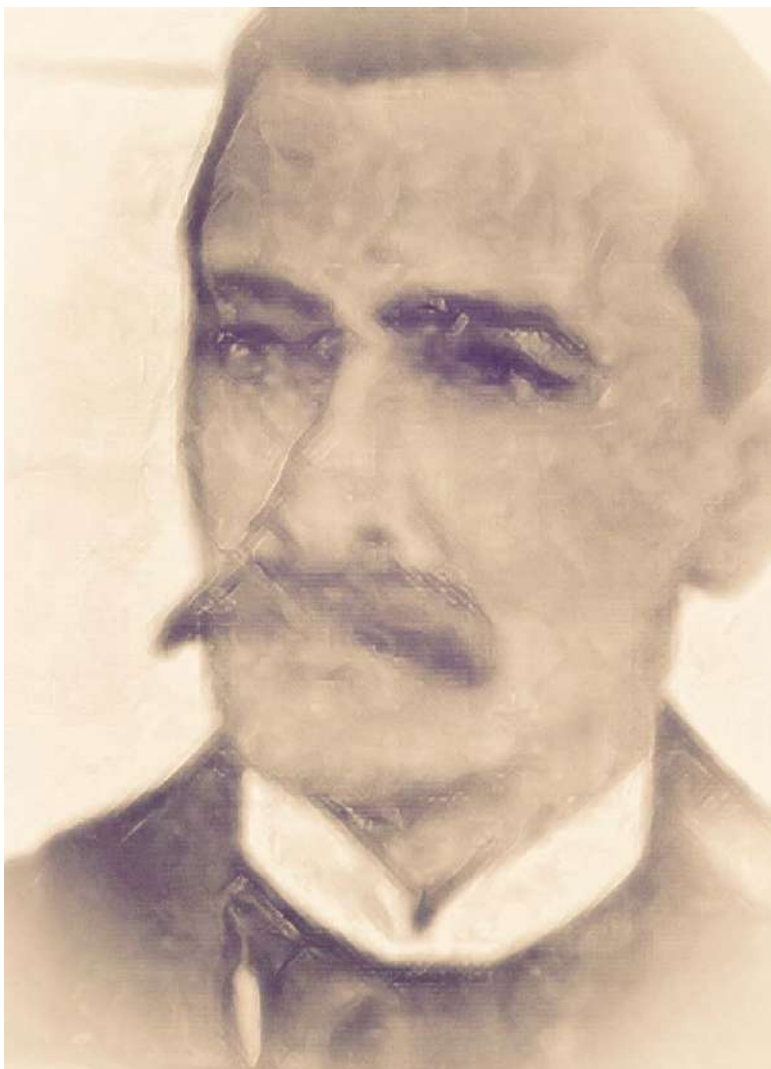
Membro do Conselho Estadual de Cultura e do Instituto Histórico e Geográfico do RN. Professor da UFRN e Juiz Federal

JOSÉ INÁCIO FERNANDES BARROS

UM DÂNDI NOS CANAVIAIS

Um personagem fascinante à espera de um romance estruturado para relatar uma época e uma região, devendo ser acolhido entre páginas e letras, em posição central. Não é diferente que penso sempre que trato ou consulto algo acerca de José Inácio Fernandes Barros. Mas, quem é essa pessoa que desperta uma curiosidade tardia e pouco é mencionada nos espaços contemporâneos da história do Rio Grande do Norte?

Nasceu em São Gonçalo do Amarante, ano 1844, onde viveu a infância. Saltando no tempo, vê-se Fernandes Barros bacharel pela Faculdade de Direito do Recife em 1868 e três anos após já era Juiz Municipal e diretor da instrução pública em Natal, onde exerceu também a chefatura de polícia (1874). Nesse meio tempo casou com Ana Varella, filha do Barão de Ceará-Mirim, e tornou-se, segundo Câmara Cascudo, “um dos mais opulentos senhores de terras do Rio Grande do Norte”. Juiz de Direito em Acari e Jardim do Seridó, com volteio por Sergipe, tinha espírito de participação social, tanto que na sua primeira passagem por Ceará-Mirim foi designado pelo Presidente da Província, João Capistrano, para presidir a comissão de instalação de uma escola ali edificada





com donativos do seu sogro Barão e resolveu custear, com exclusividade do seu tesouro, todo o mobiliário do estabelecimento, fazendo-o vir dos Estados Unidos. Segundo Rocha Pombo, o que de melhor havia, nesse segmento, em todo o Norte e Nordeste do Brasil.

Com a aposentação, em 1890, dedicou-se à política, nela entrando pelos mais elevados escalões: Vice-Presidente, o que equivale atualmente a Vice-Governador e Presidente do Congresso Estadual. Em 1891, diante da opção de Miguel Castro em continuar por mais algum tempo no Rio como Deputado Federal, Fernandes governou o RN por alguns meses, oportunidade em que reestabeleceu a autonomia municipal de São Gonçalo do Amarante, que injustamente havia sido rebaixada à condição de subalterno a Macaíba. Findo o período congressional, com a casa fechada por artes de Pedro Velho, Fernandes volta a viver em Ceará-Mirim, tempo integral, com verões na data do Pau-Ferro, à borda da fonte que batizou de Pureza, hoje município homônimo.

O *modus vivendi* de Fernandes Barros, desde sempre, realçava no contexto de Ceará-Mirim, que apesar de ser o lugar onde estavam

concentradas as maiores fortunas do Rio Grande do Norte e por isso mesmo ser berço e trânsito de pessoas educadas (os filhos dos senhores de engenho), quedava-se em admiração pela lordeza do magistrado. Veja-se o que dele dizia Cascudo: “Figura rara de elegância física, aprumo protocolar, graça fidalga, apuro indumentário. Os hábitos eram de descanso, de intimidade niveladora, de pilhéria com sal grosso, de roupas sumárias, à vontade, à custa do clima, dos costumes, da preguiça. Fernandes Barros foi uma exceção. Ninguém o viu em mangas de camisa, de chinelos, com o chambre ritualista que dava toda importância social. Às oito horas da manhã em Natal, Ceará-mirim, Aracaju ou Rio de Janeiro, estava barbeado, esticado, unhas brunidas, perfumado, com uma toilette de receber um Cardeal ou visitar o Imperador. Esse cuidado no vestuário acompanhava todos os seus gestos. Seu papel de carta é uma delícia visual, marfinado, liso, com monograma em relevo azul. A tinta é negra escura, própria, indelével. O envelope forrado de seda. Tudo quanto lhe saiu das mãos era assim” (Acta Diurna, A República, Natal, 03.03.1940).

É impossível fugir-se à descrição cascudiana acerca do estilo do biografado: “Um encanto seus trajes escuros, feitos em Londres, o sapato inglês, o colarinho resplandecente,

a gravata negra, duma seda espessa e macia, os plastrons ornamentais, avivados pela brancura da pérola oriental. No meio dos homens vestidos pelos alfaiates da terra, pelos curiosos do interior ou pelos artistas de Recife, era um crisântemo numa moita de manjerição. Ninguém mais acessível, acolhedor e simples que esse Beau Brummell desgarrado no simplório Rio Grande do Norte. Culto e vivamente curioso, lia as novidades, conversando com graça e fazendo rir sem estrépito. Para ele, com viagens difíceis, iam jornais e revistas de longe. Fernandes Barros, até prova em contrário, o único ser humano que fazia, em toda vastidão da Província e depois Estado, toilette para jantar. Jantava de escuro, medido, metucioso, manejando os talheres diversos, bebendo em vários copos de cristal. Servido em baixela de porcelana de Limoges e prataria do Porto.” (Mesma fonte).

A sua residência, um amplo sobrado edificado em estilo de finura neoclássica, ainda permanece hígido, desde 1937 sediando um colégio de freiras. Ao fitar a sua coleção de janelas, simetricamente postas nos dois andares, eu, curioso, espero surgir de uma delas o vulto do grã-fino, com um aceno de convite para um chá. É fim de tarde e sopra um vento cativante cortando as ruas, vindo dos canaviais. Tudo muito Fernandes Barros.



Fachada frontal e lateral esquerda, respectivamente ainda com seus traços originais

DE RÉU A JUIZ

O potiguar Theodomiro Santos foi o primeiro condenado à pena de morte no Brasil após a proclamação da República. Fugiu e se exilou na França. No retorno ao Brasil, passou no concurso do TRT e presidiu a Associação dos Magistrados. Aposentado, recusou a pensão pelos anos que passou na prisão, por considerar que juiz ganha suficientemente bem

Por Alice Lima

Fotos: Arquivo e Divulgação

EM UM PERÍODO onde democracia e liberdade andavam distantes do povo brasileiro, Theodomiro Romeiro dos Santos deixou a pacata vida adolescente na Natal da década de 1960. Filho de uma professora e de um militar, o estudante do tradicional Colégio Marista optou pela luta armada em busca da redemocratização do país. O tempo era a Ditadura Militar, instalada no Brasil de 1964 a 1985. O garoto que poderia ter fechado os olhos ao que se passava ao redor e cursado Medicina, curso para o qual fora aprovado, estava completamente envolvido com o clandestino Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR). Foi ele, aos 18 anos de idade, o primeiro condenado à pena de morte na era republicana. Só esse detalhe seria suficiente para diferenciá-lo na multidão, mas “Theo” foi além. Os livros e filmes que ilustram o período mais conturbado da história nacional têm um personagem que rende uma história impressionante, seja pelos feitos, pelos envolvidos ou mesmo pelo que se tornou depois dos ‘tempos de chumbo’.

Hoje ele é juiz aposentado do Tribunal Regional do Trabalho da 6ª Região (TRT6), em Pernambuco, mas antes passou quase dez anos na prisão, em Salvador, capital da Bahia. Fugiu bem perto de conseguir a liberdade condicional, ato que poucos entenderam à época, mas que teve motivações sérias geradas, sobretudo, por comentários de nada menos que Antônio Carlos Magalhães. A foto de Theo preso, algemado, após dias de tortura, mas com o semblante de um calmo menino, enquanto era julgado por um duro tribunal ganhou o mundo na luta pela anistia. O seu crime: matar um sargento da Aeronáutica, enquanto regia a prisão, no dia 27 de outubro de 1970. De codinome Marcos, estava com os colegas Getúlio de Oliveira Cabral (Gogó) e Paulo Pontes da Silva “cobrindo um ponto”, na Avenida Vasco da Gama, quando de um jipe desceram quatro agentes que lhes deram voz de prisão. Theodomiro e Paulo foram presos e algemados.



Com o pulso direito livre, no banco traseiro, Theo retirou um revólver 38 da pasta que portava e atirou no sargento Valder Xavier de Lima, que saía do jipe. Com mais dois disparos, feriu o agente da Polícia Federal Amilton Nonato Borges, e foi dominado.

Pelo crime, Theodomiro foi condenado à morte. Pena comutada para prisão perpétua, e, posteriormente, 30 anos de prisão. No dia 17 setembro de 1979 fugiu da penitenciária e encaminhado para a Nunciatura Apostólica, em Brasília, onde pediu asilo político e obteve salvo-conduto para o exterior. Entre tantos acontecimentos pesados, há as bonitas linhas da história, como o apoio dos companheiros de partido e cárcere, irmãos, além da coragem incondicional da mãe, dona Georgina. A vida já seria surpreendente se o fim fosse o cárcere, mas a trajetória de ficção da vida real deu muitos outros passos, como a fuga cinematográfica, pelos detalhes sutis, o exílio na França, onde foi metalúrgico e pintor de paredes e, em seguida, a volta para o Brasil, em setembro de 1985, onde se tornou juiz e chegou à presidência da Associação dos Magistrados Trabalhistas de Pernambuco. Hoje, aos 63 anos e uma vida nada corriqueira, aquele que foi preso político, famoso mundialmente e assumiu cargo da mais alta relevância, como a magistratura, fala com tamanhas serenidade e humildade como se estivesse conversando sobre contos e pessoas de um livro, mesmo quando trata-se da sua intensa e impressionante trajetória.



“

Quando vou a Natal passo para olhar o Marista. Tenho tanta saudade daquela época”



A vida em Natal

No álbum do bebê, feito com carinho para cada filho, as fotos de todos os meses do primeiro ano de vida. Nele, Georgina Romeiro dos Santos colocava também que profissão gostaria que eles seguissem. A professora foi a segunda esposa de do capitão do Exército Modesto Ferreira dos Santos, que antes fora casado com a sua irmã. Quando ficou viúvo, casou-se com a cunhada, que cuidou e criou das crianças do primeiro casamento. Apenas dez anos depois teve o primeiro filho do seu ventre, que foi Theodomiro. Em seguida vieram mais dois, Maria Helena e Modesto.

Na Rua Meira e Sá, atualmente Barro Vermelho, a família sempre foi muito unida. Os mais velhos já estavam encaminhados no momento em que o pai morreu, quando Theo tinha nove anos. Estudou em algumas escolas, entre elas o Colégio Batista (evangélico), Frei Miguelinho, Instituto Brasil e, em seguida, no Colégio Marista de Natal, instituição decisiva para a sua vida. “Quando vou a Natal passo para olhar o Marista. Tenho tanta saudade daquela época”, diz, saudoso e com a delicadeza característica.

Aos 15 anos, estudante do Marista, começou a lutar contra

a ditadura militar. Foi no papado de João XXIII que despertou para as causas sociais. A corrente progressista, da qual fazia parte Dom Eugênio Sales, começou a se voltar aos problemas do mundo. O garoto tinha amigos militantes de partidos de esquerda, como José Pedro Pinheiro, Juliano Siqueira e Jaime Ariston, mas ele ainda não tinha vinculação partidária, apenas participava das atividades na igreja com o trabalho de assistência social. Os laços e a identidade foram se estreitando com os colegas que também participavam e, através da amizade, foi ingressando no mundo da política.

A adesão ao partido de esquerda só aconteceu quando foi morar em Salvador. Em maio de 1968, estudantes do mundo inteiro rebelaram-se. Jovens de Natal foram presos no histórico “Congresso de Ibiúna”, que reuniu centenas deles, e outros na própria cidade, assim como universitários de outros Estados. Dois irmãos Marista também foram detidos. Após o evento, a repressão ganhou muita força. Foi quando começou a se preocupar com a força policial que prendeu seus conterrâneos e houve o temor de novas prisões. Um dos irmãos Marista preso foi transferido, por segurança, para Salvador e Theo foi convidado a ir também, quando estava em Brasília na casa do irmão mais velho, na tentativa de sair da capital potiguar.



A luta armada

Na Bahia, entrou em contato com o clandestino PCBR, por intermédio de dois militantes. Ele dividia o apartamento com outros três deles. No período, aconteceu a prisão de pessoas do partido no Rio de Janeiro, inclusive o presidente da legenda, que fora assassinado, o jornalista Mário Alves. Bruno Maranhão, outro líder, conseguiu fugir e acabou no apartamento do potiguar. Ponto de partida para sua iniciação na militância. “A luta armada era a forma pela qual se pretendia derrubar a ditadura e construir o socialismo. Existiam várias frentes, desde a política à luta armada. O PCBR tinha a proposta de criação de grupos de guerrilha para formar no campo um universo militar revolucionário e assim derrubar o regime”, conta Theodomiro.

A primeira função dada foi fazer o trabalho político com o movimento estudantil e discutir temas. Logo pediu ao partido para ser transferido ao setor mi-

“

A luta armada era a forma pela qual se pretendia derrubar a ditadura e construir o socialismo.”



litar e criar grupos guerrilheiros no interior do país. Grande parte do financiamento do PCBR era feito por profissionais liberais, que contribuíam mensalmente, mas também existiam os assaltos a bancos para viabilizar as ações. O potiguar participou de um saque ao Banco da Bahia. Sobre a sensação, lembra que “existia o medo, mas os militantes estavam condicionados a combatê-lo”.

Ele era o mais novo do grupo, 17 anos, e tudo isso acontecia sem que a mãe soubesse. Quando tomou conhecimento, foi até a Bahia tentar convencer o filho a voltar pra casa ou ir morar com a irmã mais velha, Marilene, que era freira, na África, para montar uma escola. A conversa se deu no dia em que o Brasil foi tricampeão da Copa do Mundo (1970), o que elevou a popularidade do governo militar. Esforço em vão. O filho sequer cogitou aceitar a proposta. Meses depois, foi preso.

Assassinato e os dias de tortura

Theodomiro atribui os acontecimentos do dia que definiu o seu futuro a dois motivos: quebra de normas de segurança do partido e descobertas por partes dos órgãos de repressão. Os “aparelhos” (casas) de pessoas que militavam clandestinamente na capital baiana foram descobertos em grande número. Quando isso acontecia, o procedimento era desmobilizar tudo para que as pessoas não fossem descobertas. Todos deveriam ir para lugares diferentes. A maioria assim fez. Theo ficou para resolver algumas questões com outros que restaram. Os encontros eram feitos na rua, de acordo com o combinado, para que um não soubesse o endereço do outro, sob pena de precisarem confessar e, desse modo, expor companheiros ao perigo.

Acontece que o local escolhido, o Dique do Tororó, já era bastante conhecido pela repressão, devido ao grande número de encontros. Não à toa, uma patrulha mista estava bem ali e à paisana. O encontro era entre Theo, Paulo Pontes e Getúlio Cabral, e só o último escapou da prisão. Na ronda estavam o sargento da Aeronáutica Walder Xavier de Lima, o cabo do Exército Odilon Costa e os agentes federais Hamilton Nonato Borges e José Freire Felipe Junior. Getúlio conseguiu correr.

O potiguar reagiu à prisão, o que surpreendeu o grupo. O veículo arrancou para capturar o fugitivo, que corria atirando. O cabo Odilon ficou em terra, tentando acertar o alvo com tiros. Depois de percorrer



alguns metros, o jipe brecou junto a uma estreita e insegura ponte por onde Getúlio escapava para alcançar a outra margem do Dique. O fugitivo só foi preso dois anos mais tarde, e assassinado no Rio de Janeiro.

Os outros três permaneceram no banco da frente enquanto tentavam a captura. No trajeto, por distração, um deles devolveu a Theo uma pasta onde estava a arma do estudante. Com a mão esquerda, apesar de ser destro, o garoto que teve treinamento de tiro no partido, mirou e acertou Walder, que morreu. Atirou no segundo, mas errou e, no terceiro, Hamilton, acertou dois tiros, que ficaram na omoplata e não causaram maiores lesões. O que saiu ileso se virou, puxou o braço do militante e, com a sua arma, começou a dar coronhadas em sua cabeça. Theo teve princípio de desmaio e começou a ter sagramentos, o que tirou sua visão. “Não tenho

ideia do que o levou a não me matar, não consegui essa resposta”, comenta.

A reação à prisão seguiu as regras do partido. Depois do assassinato de Mário Alves, a decisão foi de que quando os militantes fossem presos, deveriam reagir, para evitar maior sofrimento e risco aos demais, que fossem mortos logo e não depois de tempos de tortura, como aconteceu com o jornalista, barbaramente torturado.

Hamilton, que ficou machucado, participou das sessões de tortura de Theodomiro no mesmo dia, mas José Felipe Filho nunca mais foi visto pelo rapaz. A primeira parada dos capturados foi na Polícia Federal. Algemados, foram torturados e depois separados para que as sessões continuassem. Theo desmaiou e, na sequência, levado ao pau-de-arara. Foram dois dias na PF até serem levados ao Forte do Barbalho, à época Quartel do Exército, um dos principais centros de tortura.



Theo passou quase 10 anos no presídio Lemos de Brito, em Salvador

O comandante Hemetério Chaves é apontado como um dos maiores torturadores do regime pelos sobreviventes.

As sessões de tortura continuaram ininterruptas por 12 dias. Theo conta que era uma sequência de métodos macabros que variavam entre pau-de-arara, afogamentos, choques e espancamentos, ou, às vezes, todos de uma vez. Sem água, comida ou banho para limpar o sangue e feridas. Nos primeiros dias, nem sabiam o nome do potiguar e essa era a principal pergunta. Ele mentiu o nome, que só foi revelado dias depois. Em seguida, queriam que ele entregasse a identidade de outros companheiros.

Uma das cenas dos dias de intenso sofrimento foi descrita pelo hoje deputado federal Emiliano José, que também foi preso político. Banhado em sangue, Theo poderia morrer durante uma das sessões. Como tinha um julgamento aguardado, o comandante

mandou chamar um enfermeiro para maquiar a situação. “Cheio do mesmo ódio, o enfermeiro cortou o cabelo de Theodomiro, observou-se os ferimentos causados pelas coronhadas, considerou-os leves e disse que não era necessária nenhuma providência. Remexeu em sua pasta, procurou alguma coisa, e lamentou: ‘Pena que não tenha trazido uma seringa, eu dava uma injeção de éter em seu saco, ****!’ Pegou o vidro de éter e derramou inteiro na cabeça de Theo, cuidando para que uma boa quantidade lhe chegasse às faces e aos olhos, o que quase o enlouqueceu de dor”, escreveu Emiliano.

Segundo Theo, o período de maior risco eram as primeiras horas e dias do preso político, quando as pessoas próximas ainda não sabiam da prisão e não podiam, do lado de fora, ajudar. Na Bahia, a repressão era mais branda que em grandes cidades, como São Paulo, Rio de Janeiro e Belo

Horizonte. Os militares não tinham tanta experiência como os daqueles locais. Por isso, quando o prenderam começaram a entrar em contato com pessoas do Rio Grande do Norte e Pernambuco. No RN, falaram com o capitão Cleanto, antigo amigo do pai de Theo. Ele foi a Salvador para interrogá-lo. No retorno, levou uma carta à mãe, Georgina. Foi o militar quem ofereceu o favor ao preso e ouviu dele: “Não estou te pedindo nada, nem me considero devedor seu e não espere meu muito obrigado. O senhor está me oferecendo”. Nesse caso específico, o interrogatório não teve tortura. O bilhete foi levado e o capitão contou a dona Georgina que ele estava preso, mas bem. Sábia, a professora que trabalhava na Base da Força Aérea de Natal logo entendeu o que se passava.

Imediatamente, ela foi para a cidade onde o filho estava preso, procurou advogados e começou a se mobilizar. Um dos boatos não comprovados é de que houve uma reunião para decidir se ele iria ser morto ou não e a maioria dos militares teria escolhido a segunda opção. Resposta que Theo nunca teve. A condenação formal talvez fosse mais exemplar para eles. No dia 27 de novembro, um mês após a prisão, foi torturado novamente. A cena é lembrada em detalhes. O cabo Dalmar Caribe, campeão de caratê à época, encontrou o preso jogado no chão, pois depois de muito apanhar estava com o joelho quebrado e não conseguia andar. Ao lado de outros três homens, o lutador o espancou com chutes, socos e golpes.

Pena de morte

A ditadura contabiliza muitas mortes, sem que precisassem ser autorizadas. No entanto, o caso de Theo tomou grandes proporções e matá-lo não seria em nada silencioso, o que poderia desestabilizar o regime. Como o processo para se chegar até a pena de morte era rápido, pararam de torturá-lo em parte porque precisavam que ele chegasse vivo ao dia do júri. Ele foi o primeiro condenado à pena de morte no Brasil após a proclamação da República. Duas outras pessoas foram depois.

A condenação chegou no início do ano seguinte ao crime. O encontro de mãe e filho aconteceu apenas neste ano, pois na primeira ida não conseguiu autorização para vê-lo. Encontro rápido e cercado pela tensão do momento. Ela conseguia manter a calma, como uma fortaleza. Por vezes, Theo imagina como foi para a mãe trabalhar na FAB depois que o filho matou alguém da Força, mas ele nunca a ouviu falar sobre isso, pois ela não costumava reclamar da vida. “Mamãe arrumava a mala e dizia para a gente ter cuidado, pois ela precisava ir a Salvador ficar com Theo. Mas ela não chorava nem se lamentava. Era como se estivesse apenas indo visitar um filho, tamanha a força dela”, lembra Modesto, o caçula da família.

Quando foi decidida a pena máxima para Theo, houve mobilização no mundo, como não se via desde que fora decretado o Ato Institucional número 5 (AI-5). “Fico constrangido



No governo de Ernesto Geisel, Theo passou a receber visitas com mais frequência. Na foto, a então esposa e o primeiro filho, gerado enquanto cumpria pena



em dizer porque parece que estou fazendo pouco, mas ninguém acreditava que eu fosse ser executado, só mesmo a minha mãe, que ficou louca com isso”, emenda. Do ponto de vista jurídico, existiam situações atenuantes. Ele era menor de 21 anos (o que diminuía sua responsabilidade), sem antecedentes e tinha uma atividade regular como estudante. Entidades, como a Ordem dos Advogados do Brasil, levantaram contra a decisão. Começou uma onda de oposição à condenação no mundo inteiro, em frente às embaixadas brasileiras. Até parlamentares da Arena, partido da ditadura, que se manifestaram contra a pena máxima.

Em 1971, ele estava na lista dos que seriam trocado pelo embaixador da Suíça, mas como estava no período do governo Médici, o mais duro do regime militar, não autorizaram a troca pelos que se envolviam na luta armada. Chegaram a arrumá-lo para

aparecer. Cortaram o cabelo e vestiram roupas limpas. Passou dois dias achando que seria solto, mas muito rápido soube da mudança. A condenação à pena de morte acabou como fonte de constrangimento. Passou cerca de dois anos condenado à prisão perpétua, que foi reduzida para 30 anos. Existiam ainda dois outros processos: o assalto a banco, pelo qual fora condenado a 17 anos e, o segundo, por ser militante de um partido clandestino. No total, eram quase 48 anos de reclusão. Depois da readequação das penas da Lei de Segurança Nacional, por pressão, transformaram a pena de morte em 20 anos e a prisão perpétua em oito. Theo passou a ter a segunda somada aos outros crimes, o que resultava em 14 anos de condenação, dos quais, a essa altura, tinha cumprido quase nove. Com o aumento da coerção, todos os presos políticos iriam sair, mas o potiguar continuaria.



Por que a fuga?

Em meio a confusão sobre a decisão da Justiça, em 1979, que pela pressão e recursos teria que libertar o potiguar, o jornalista Fernando Escariz, repórter do jornal A Tarde, entrevistou o então governador Antônio Carlos Magalhães. Questionou se Theo seria mesmo solto e a resposta ecoou como um viso: "Olhe, não sei não. Você sabe que o sistema penitenciário tem muita morte, até entre os próprios presos". O jornal nada publicou, mas o repórter se sentiu na obrigação de ir à penitenciária alertar o potiguar. Fugir era preciso.

Theo mudou toda a fisionomia para não ser reconhecido. O cabelo grande e cacheado deu lugar a um mais curto, sem barba e também trocou os óculos. Ele estava acostumado a sair sozinho para a área externa, partia cedo e voltava também. A guarda funcionava no esquema de 24 por 48h, com três grupos na mesma quantidade de gente. Ele saía às 5h e a guarda era

trocada às 7h. O segredo é que quem o via sair, não o via voltar. No dia 17 de agosto 1979, Theo apenas saiu. O presídio só se deu conta três dias depois.

Combinou com Haroldo Lima, preso militante do PCdoB, que quando estivesse em um local seguro alguém ligaria para Haroldo e diria uma senha para que ele comunicasse a todos e assim foi feito. Com roupa trocada e barba feita, o primeiro destino de Theo foi o cemitério do Campo Santo, onde tinha marcado encontro com uma militante do partido. A colega o levou a outro lugar em Salvador e ele foi entregue a dois outros companheiros do PCBR, que o levaram a uma fazenda de cacau em Ilhéus (BA). Quando o governo descobriu, o prisioneiro estava em local seguro e isolado do mundo, sem nenhum meio de comunicação para que outras pessoas fossem alertadas na cidade.

Depois foi para outra fazenda no sul da Bahia. Na sequência veio

ajuda da Igreja Católica, dos padres Renzo Rossi e Cláudio Perani. Passou um período escondido em um mosteiro em Vitória da Conquista e, por último, na fazenda dos padres do Santuário de Bom Jesus da Lapa. Quando pararam de procurá-lo, começou a divulgação de falsas notícias, que ele estaria em Lisboa ou Paris. Hélio Lisboa, da Tribuna da Imprensa, ajudou com a publicação das notas que confundiram as autoridades brasileiras. Acreditando que o fugitivo tinha saído do Brasil, pararam de procurar. Ele partiu, então, para o Rio de Janeiro e, depois, Brasília, onde se hospedou em apartamentos dos deputados Francisco Pinto e Airton Soares, do antigo MDB. Ganhou abrigo na Nunciatura Apostólica. Em dezembro de 79 recebeu auxílio na Cidade do México e foi para Paris, França. A primeira esposa e o segundo filho seguiram logo depois. O primeiro vivia em Belo Horizonte, com tios.

Família

Theo tem quatro filhos, três homens e uma mulher. Dois foram gerados no período da prisão. Bruno nasceu em dezembro de 1973 e Fernando nasceu em 1979, dez dias antes da fuga de Theo. Mário, o terceiro do casal, nasceu durante o exílio, na França. A irmã e o cunhado de Conceição, a primeira esposa, também eram presos políticos e os dois se conheceram no cárcere.



Modesto, irmão caçula de Theo



Ana Romeiro, irmã

A volta

Retornou da França em 1985, após a remissão da pena. Deixou os pertences que adquiriu para refugiados de outros países que moravam lá. Na volta, filiou-se ao Partido dos Trabalhadores, mas durou pouco tempo, pois logo passou em um concurso público para funcionário da Justiça do Trabalho.

Nos tempos de esconderijo na França, trabalhou como metalúrgico e pintor de parede. De volta ao Brasil, passou em dois concursos de nível médio, em Pernambuco, onde foi morar. Já separado da primeira mulher, a segunda, pernambucana, casou-se na Europa. Devido à atividade na Justiça, fez o curso de Direito na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Ao concluir, foi aprovado no primeiro concurso que fez para Juiz do Trabalho. Nesse período, já estava no terceiro casa-



Theo voltou do exílio na França em 1985



mento, com Virgínia Bahia, colega de profissão também aprovada para a magistratura na mesma seleção.

Em 2013, aposentou-se do TRT6 e ganhou homenagem da Associação de Magistrados do Estado (Amatra/PE), com depoimentos, em vídeo, de colegas de trabalho e

familiares, a admiração e orgulho de quem conviveu com ele foram estampados. A servidora Mônica Leite contou que em sete anos de trabalho com o magistrado só conseguiu chegar antes dele três dias, pois ele estava trabalhando a partir das 6h30.

A Justiça

Theodomiro acredita na Justiça e diz que existem coisas muito boas, assim como as “horrorizas”, como corrupção e troca de favores. “O maior problema, na minha opinião, é que o Judiciário é o poder menos democrático dos três. A mudança no judiciário é muito lenta, os tribunais são imbuídos de um sentimento autocrata muito grande, eles são incapazes de dividir o poder democraticamente com os demais integrantes de cada regional. Tudo isso é muito difícil de superar. Você tem um presidente da República e a cada quatro anos o povo pode trocar. No Legislativo, a cada 4 anos você pode, teoricamente, trocar tudo, desde a câmara municipal ao Senado. No judiciário, você não sai. Fica até os 70 anos e agora estão fazendo a maior confusão para ficar até os 75. Não muda”, opinou.

Participou ativamente para que tivesse fim o nepotismo no Judiciário. “A vedação legal é não nomear seus parentes, mas a moral serve também para o cruzado. O tribunal da 6ª região foi pioneiro a acabar com o nepotismo dentro do judiciário. Essas coisas vão e voltam e precisamos ficar vigilantes com os contornos que fazem. É imoral favorecer um parente seu. Isso não existe. Muita gente concorda com isso, mas muitas vezes se acomodam. É preciso ter sempre alguém batendo”, asseverou.

“
O Judiciário é
o poder menos
democrático
dos três”



Política

Não existia ambição pessoal de ser político. Na previsão da liberdade, com a condicional, o partido achou que ele teria condições de se eleger na Bahia. Se o partido tivesse decidido, ele faria, mas com a fuga, o projeto foi abortado. Depois, não teve mais pensamento nesse sentido.

José Dirceu

Sobre a prisão de José Dirceu e outros antigos heróis na luta contra a ditadura, opina em relação às duas prisões do petista. “São duas situações completamente diferentes. Quando se está em uma ditadura, resistir a ela é um direito natural do ser humano, você tem direito de resistir até por meios violentos, como já foi reconhecido pela Igreja Católica. Você usa métodos que não faria em situações normais. Imagine nos dias de hoje eu saindo de casa para assaltar um banco? É inconcebível! Já em um governo democrático, onde as instituições funcionam e você é livre para reclamar do governo e nada acontecerá contigo, isso não tem cabimento. No regime di-

tatorial, comportamentos que você não tolera e nem pode compactuar com eles são permitidos porque você não tem meios institucionais de se opor àquela ditadura”.

Explicou que não concebe que se viva em uma democracia, participe do governo e pratique atos de corrupção. “O discurso da esquerda no país sempre foi o da moralidade. Era um patrimônio que a gente tinha e está perdendo e não é possível admitir. A esquerda tem que ser antes de tudo honesta e comprometida como bem do povo. Se ele não tem essas duas qualidades, ele é alguém de esquerda deformada. Uma manipulação vergonhosa de uma situação política”.

“

O discurso da esquerda no país sempre foi o da moralidade. Era um patrimônio que a gente está perdendo.”



Theodomiro foi homenageado durante um congresso da Associação de Magistrados do país

12 anos de PT

Theo acredita que o discurso da alternância de poder em voga no Brasil é sempre apresentada de forma oportunista. Cita que O PSDB está no governo de São Paulo há 20 anos, ninguém do partido está preocupado com alternância, mas reclama da mudança na presidência. “A minha opinião é a seguinte: você tem um regime democrático, regras estabelecidas democraticamente, que inclusive podem ser mudadas, como há perspectiva com o que se fala sobre reforma política. Se há regras, se a população vota, se pode trocar quando não quer, como quase trocou agora

em 2014, então acho que a discussão sobre alternância é mais oportunista”.

Em relação aos 12 anos do PT no poder, acha que houve grandes avanços do ponto de vista social e econômico. Do ponto de vista político, acredita que os últimos anos foram desastrosos para o país, por dilapidar a defesa da moralidade e não saber se a esquerda será capaz de recuperar esse patrimônio. “Isso fortaleceu a direita, não pelos seus méritos, mas pelo desastre que foi a atuação dos partidos de sustentação do governo na defesa da probidade e moralidade administrativas”.

Foto: Agência Estado



Ato que pedia a volta da Ditadura Militar reuniu cerca de duas mil pessoas na Avenida Paulista

Volta da ditadura

Após o resultado das eleições de 2014, alguns se posicionaram pedindo a volta da ditadura militar. Para Theo, são inexpressivos. “Por interesse de grupos econômicos e empresariais, houve uma amplificação. Duas mil pessoas em São Paulo fazendo passeata não é nada. Jânio Quadros, em 1960, ao ser convidado para um comício para 20 mil pessoas em São Paulo, disse: ‘Você acha que vou sair daqui para fazer comício para 20 mil pessoas, batendo lata na Sé junto a mais gente? Aí você tem duas mil pessoas na Paulista (avenida) e ganha essa grandiosidade midi-

ática. A divulgação foi exacerbada de uma manifestação pobre”.

Pontua que a população brasileira está em grande parte profundamente desgostosa com os rumos da política e existem forças de articulação da direita para dificultar o governo de Dilma Rousseff, que na opinião dele começou o segundo mandato pessimamente. Sobre o impeachment de Dilma, acha difícil: “Querem impedir a continuidade do PT daqui a quatro anos. A ditadura foi um absurdo completo e não acredito jamais na volta, sobretudo quando o líder é alguém tão absurdo como Lobão (cantor)”.

Aposentadoria

Quando um juiz se aposenta, só pode voltar a atuar na área jurídica três anos depois. Theodomiro Santos está esperando esse tempo passar para voltar a advogar ou prestar consultoria. Nesse tempo livre, tem estudado e acompanha as modificações e ações jurídicas para se manter atualizado. “Tenho 63 anos e vou deixar a política para os mais jovens”, diz.

“Se quiserem algo da minha experiência e história, estou à disposição. Participo de tudo. Falo disso com um distanciamento inacreditável. Sem sequelas físicas ou psicológicas. Tenho muitos amigos com problemas sérios que não conseguiram se reinserir socialmente. Eu não tenho pânico, pesadelo, nem nada. Passar o resto da vida carregando isso deve ser difícil”, discorre.

Plantar e cuidar do jardim na casa da Ilha de Itamaracá, no Recife, são sua terapia. Hoje tem três netos e procura ser um avô atuante. O irmão Modesto contou que ele poderia receber a pensão do governo federal pelos anos que passou preso, mas rejeitou, pois disse que juiz já ganhava suficientemente bem. Aceitou apenas descontar os nove anos na aposentadoria, devido à pressão dos amigos e colegas da magistratura.



Sabrina Mahler
Chef



A CHEF-VIAJANTE
SABRINA MAHLER
FAZ REFELXÕES
SOBRE O FUTURO
DO TURISMO
E DE VIAGENS,
DIANTE DESSE
MOMENTO DE
PANDEMIA. ELA QUE
VIVEU A INGRATA
EXPERIÊNCIA DE
FICAR SEM TER
COMO SAIR DO
PERU NO INÍCIO
DO ISOLAMENTO
MUNDIAL

Por Sabrina Mahler
Fotos: Arquivo pessoal



FUTURO

Viver e VIAJAR

Após seis meses sem viajar de avião, embarcamos semana que vem, meio ansiosos e curiosos com tantas mudanças e novidades que nos assolaram em 2020.

E você? Como está encarando viagens nesse novo momento? Está tranquilo e quer viajar? Não quer viajar de jeito nenhum?

Então trago aqui algumas reflexões e pesquisas sobre o Futuro das Viagens para que de alguma forma colabore para sua decisão...ir ou não ir...eis a questão...

Logo quando voltamos do Peru, minha primeira reação foi de pânico, medo, o que acredito que muitos se identificam. A pandemia veio que nem um tsunami levando todos os meus sonhos e projetos para 2020!

E eu não tinha um PLANO B!! Você tinha? Mas lá em março, eu juro...achava que a pandemia duraria dois meses e tudo seria resolvido...em junho já estaria voando novamente...e o cenário, hoje, é outro, sabemos. Então vamos recalcular a rota!!!!

Sem poder viajar, comecei a acompanhar webnários, lives,

participar de curso, ler opiniões e reportagens sobre o Futuro do Turismo e de Viagens. É o que venho dividir aqui com vocês, colocando minhas humildes opiniões.

Num momento que viajar de avião era banal e por qualquer motivo viajávamos, seja por uma pequena reunião, seja para finais de semanas furtivos, o novo momento nos coloca cara a cara com a nossa realidade e nosso entorno e cai a máxima - O bom está longe.

De tanto ficar em casa e realmente cuidando de nossas vidas, resgatamos o contato com o mercadinho do lado, prestamos atenção em quem está perto da nossa casa, o que é mais saudável, o que é mais natural, o que nos dá mais conforto e acalento nesse momento! O que nos remete a memória boas da infância, ficamos saudosistas!!

Como estamos em casa, brincamos com nossos filhos, cozinhamos, procuramos natureza, pessoas próximas, amizades que não foram regadas como deveriam.... quem se identifica aí? Quem não se arriscou na cozinha ou fez não uma massa de pão?

Surge aí um movimento natural que impacta diretamente o turismo ou muda o foco do mesmo! Como sair do país não é uma opção viável, vamos conhecer e aproveitar o que está próximo, que não estávamos mais vendo, que tinha perdido a importância perante esse

mundão de Deus.

Saimos do conceito de que o bom está fora para imergirmos no que importa está ao lado! Renasce o Turismo Interno, regional, onde viajar dentro da sua cidade ou próximo será tendência. Cresce também a busca pela brasilidade e o reconhecer o re-

descobrir o país.

A procura por Destinos Afetivos, Emocionais, que tragam segurança e lembranças tendem a aumentar nesse momento, bem como a procura por Experiências diferenciadas e reais que tragam conforto e proximidade



Viajar, na minha opinião, voltará a ser um privilégio como anos atrás, onde o Turismo do Lazer e férias se sobreporão às viagens a trabalho e viajaremos realmente por um PRO-PÓSITO com uma intenção muito mais real e responsabilidade social!

Com a pandemia surgiu a necessidade da aceleração digital e muitas empresas tiveram que tomar soluções que são irreversíveis. Demos de cara com inúmeras coisas desnecessárias que não voltarão mais... Reuniões on-line, eventos on-line, cursos e afins se tornaram hábitos impostos que trouxeram uma nova forma de trabalhar sem tanto deslocamento, aglomeração e encontros.

Viver além do trabalho ou trabalhar menos ou trabalhar de outra forma é reflexo que veio à tona e modificou radicalmente o Turismo de Negócios e Eventos. E as que ainda estão sendo redesenhadas. Afinal, em muitos casos pode-se trabalhar de qualquer lugar, não necessariamente sua casa ou escritório, unindo prazer, trabalho e família de uma forma há muitos anos não vista ou percebida, pois o trabalho mais se parava do que unia.

Então nós, os novos turistas, estaremos muito mais a passeio, em busca de experiências, de conexão com a natureza, simplicidade, integração com a comunidade local com mais responsabilidade e segurança.

As viagens de carro ou roadtrips já são alternativa para pequenas férias e para explorar a região, e com certeza tendem a ser a forma mais procurada de viagens para o final de ano, revivendo o passado quando a família toda viajava longas horas de carro.







NOVOS HÁBITOS EM HOSPEDAGEM

Muitos hotéis já estão reabrindo e nasce junto um hóspede mais consciente, com mais responsabilidade e pensamento coletivo. A arrumação dos quartos não é mais diária, café da manhã mais simples e compacto, troca de roupa somente quando necessário, enfim, uma série de serviços que antes poderiam ser oferecidos, agora terão que ser redefinidos ou remodelados.

É necessário ir além! Além do produto, do serviço, do atendi-

mento. O paparico ou mimo será outro agora, até mesmo na aviação! Sem comidinhas, bebidas e exclusividades aos seus passageiros fiéis, as companhias terão que rever seus programas e benefícios. Afinal, quem não está revendo algo nesse momento, não é mesmo?

O Turismo de Luxo tende a crescer e se fortalecer com a busca pelo individual, pelo exclusivo, pelo diferenciado e pela facilidade de locomoção, mas também terá seus desafios, com a resignificação

dos serviços. A tendência é aliar o luxo à simplicidade e à natureza. Já vemos o crescimento de jatos compartilhados e aberturas de hotéis aliando o luxo à natureza e ao bem-estar.

O Staycation, ou seja, ficar na sua cidade e aproveitar, curtindo um hotel ou pousada e suas atrações, surge como opção para férias ou folgas prolongadas para pessoas que estão receosas em se locomover por maiores distâncias.

Acredito que devamos ter muita paciência e empatia nesse momento, pois inevitavelmente terão novas regras, normas de segurança e saúde que impactam profundamente na nova forma de se hospedar, voar, viajar. Horários, benefícios, exclusividades, diferenciações que alguns tinham devido a motivos distintos não serão mais os mesmos.

Mas, considerando que VIAJAR É UM DOS SONHOS DE CONSUMO DOS BRASILEIROS, vislumbra-se que aos poucos tudo se acomodará ou encontrará um caminho e o Turismo do Escapismo, de Experiências reais, com propósito e responsabilidade social será a grande motivação para irmos e virmos de forma mais consciente e segura.

Enquanto isso, por que não planejar, pesquisar para viajar para aquele destino que você sempre sonhou e estava adiando? Às vezes esperamos que todas as conjunturas estejam alinhadas para realizarmos nossos desejos, e esse momento que estamos vivendo, a pandemia, nos causa também uma urgência pelo que é importante. Aproveite esse momento também e coloque seus documentos em dia ou faça algum se necessário. Excelente momento para ter tudo em dia para quando puder ou quiser ir mais longe.

VIVER! VIAJAR! VIVER! Acho que é o que todos mais desejam nesse momento, não é mesmo? Viver é ter VIDA. Estar com VIDA. Aproveitar o que ela tem de MELHOR. Valorizar os momentos reais e as experiências verdadeiras!

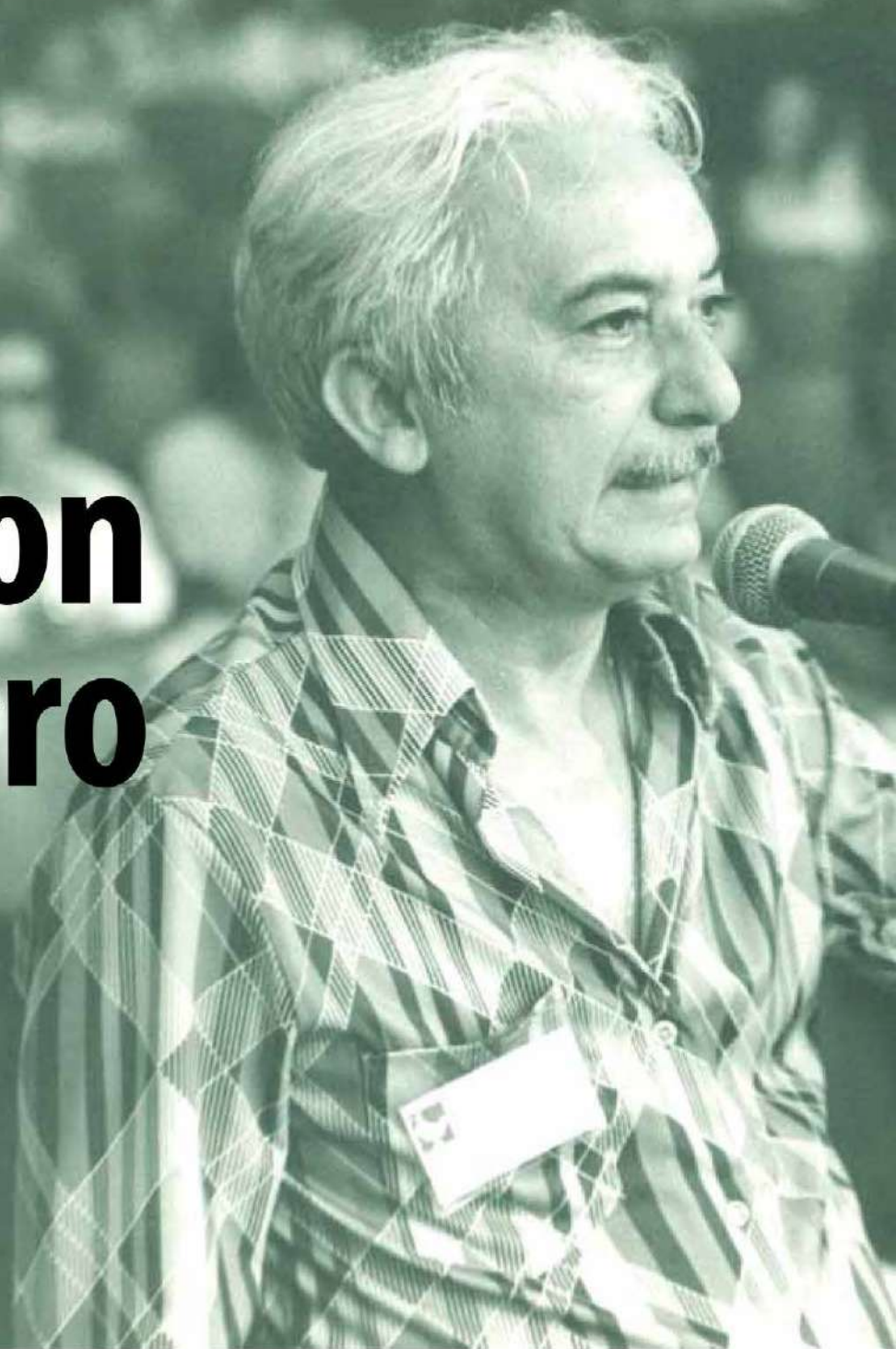




Newton Navarro

Artista que dá nome à ponte estaiada de Natal uniu a arte modernista ao amor por cada canto e recanto da cidade

Por Aura Mazda





AMANTE INCONDICIONAL DA CAPITAL potiguar, o artista multifacetado Newton Navarro estava à frente de seu tempo. Pintou, escreveu e amou Natal como poucos. Espalhou sua marca pela cidade e deixou legado importante em vários campos da arte. Autor de teatro, agitador cultural, boêmio, professor de artes, poeta, contista, escritor e artista plástico, foi dos primeiros no Rio Grande do Norte a experimentar o modernismo nas telas.

Newton Navarro Bilro nasceu no dia 8 de outubro de 1928, em Natal. Filho do classificador de algodão Elpídio Soares Bilro e da dona de casa Celina Navarro Bilro, professora primária, começou a desenhar ainda menino. Foi casado com a professora de artes Salésia Navarro, também falecida. Deixaram um único herdeiro, Edson Moura, sobrinho do casal.

Estudou nos colégios tradicionais da cidade. Foi aluno do Colégio Marista, passou pelos bancos no secundário do Atheneu Norte-Rio-Grandense, e, assim como a maioria dos colegas, estudou na Faculdade de Direito no Recife (PE), mas foi na escola de desenho de Lula Cardoso Aires, vivendo a efervescência cultural da capital pernambucana no final dos anos 1940, onde formou-se.

Em Natal, o artista circulava entre intelectuais e pessoas ligadas à imprensa. Nomes como Luiz da Câmara Cascudo, Zila Mamede e Veríssimo de Melo estiverem sempre ligados a ele. O espaço conquistado na imprensa e em gestões da prefeitura e do governo estadual permitiu que Navarro desenvolvesse seus projetos, como foi o caso da Escolinha de Arte Cândido Portinari (entidade vinculada ao Movimento de Escolas de Arte do Brasil), e que publicasse suas crônicas em jornais locais. Seus traços ilustraram caderno do jornal Diário de Pernambuco.

O processo de produção era de “qualquer pessoa criativa”, como define o biógrafo Gustavo Sobral. Saía do bairro de Petrópolis em direção ao jornal Tribuna do Norte, na Ribeira, e, no meio do caminho, encontrava um motivo para as crônicas literárias. Boêmio incurável, vivia nas ruas da cidade, nas praças, nos bares e redações de jornais. A cena urbana de Natal, o Rio Potengi e a Praia da Redinha eram suas principais fontes de inspiração. “Ele era a própria alma de Natal”, diz Sobral.

Das paixões que marcaram a

vida de Newton Navarro, a capital banhada pelo Rio Potengi é considerada uma das mais acentuadas em sua obra. Os bairros da Ribeira e Redinha foram imortalizados nos livros “Beira Rio” (1970) e “Do Outro Lado do Rio, Entre os Morros” (1975). Em homenagem ao “caso de amor” que tinha com Natal, foi homenageado quando passou a dar nome a maior ponte de concreto erguida no estado, a Ponte de Todos Newton Navarro, que liga as zonas Leste a Norte da cidade, inaugurada em novembro de 2007. A homenagem foi sugerida pelos acadêmicos



Gustavo Sobral, biógrafo

da Academia Norte-rio-grandense de Letras, a pedido dos admiradores da obra do artista, por meio de abaixo-assinado.



Newton, em sua juventude, em um dos locais que mais gostava de estar



Ponte de Todos Newton Navarro

Paixão tanta que, certa vez, ao pintar em terras europeias, disse: “Eu não acho cidade mais bonita que Natal, nem rio mais bonito que o meu rio. Eu vi uma vez o Sena. Achei uma porcaria. Vi também o Tejo e achei também uma porcaria. Mas o Potengi não. Que azul! E os morros que protegem a cidade? E as madrugadas? E as estrelas da manhã? Só em Natal tem essas coisas. A estrela repetida no forte da pedra... Uma cidade

coberta de elísios, embalada pela canção dos pescadores, enfeitada de um lado e de outro, rio e mar, pelos azuis e verdes e pelas jangadas. Que cidade maior e melhor? Não existe. Nenhuma”. (NAVARRO, 1974), como destaca em sua página o blog Papa Jerimum.

Biógrafa de Navarro, a jornalista Sheyla Azevedo descreve o amor que o artista tinha por Natal e a imersão em que vivia nos quatro cantos da cidade. “Como biógrafa

dele é difícil resumir Newton em poucos parágrafos, porque ele era superlativo em praticamente tudo o que dizia, fazia e pensava. Mas, uma característica marcante dele era o amor que sentia por Natal. A nostalgia impregnada em cada pôr-do-sol vivenciado às margens do Potengi, indo em direção à sua Redinha tão cantada em verso e prosa. Newton foi um artista que “cantou a sua aldeia”, por isso ele é tão universal”.

Artista moderno

Quando o movimento modernista nem sonhava em despontar pelas terras potiguares, Navarro tomou para si a alcunha de precursor da arte moderna no estado. O movimento da Semana de Arte de 1922 só apareceu 26 anos depois, em 1948, na primeira exposição de Newton Navarro. As telas chocaram a população da cidade de pouca variedade de pinturas. Exposição que foi reforçada após temporada de estudo no Recife e em Paris (França), com desenhos e pinturas, na então Sorveteria Cruzeiro, na Cidade Alta. Evento que ficou conhecido também como I Salão de Arte Moderna. O segundo aconteceu em 1950, ao lado dos amigos Dorian Gray e Ivon Rodrigues. Iniciou-se a partir daí o estímulo para exposições coletivas e vários artistas aderiram ao movimento da nova arte. Os jovens artistas modernistas receberam o apoio dos principais intelectuais da época, como Cascudo, Zila Mamede, Américo de Oliveira Costa, Veríssimo de Melo, entre outros.

E foi na década de 1950 que o Navarro produziu temas com aquarela e ar romântico. O grafismo e o traço começam a ganhar força. Nos anos 1960 surge a figura do marinheiro, o traço e o romantismo permanecem fortes e Natal começou a aparecer nas te-



Reprodução "Casamento", guache sobre papel, obra de Newton Navarro produzida em 1970

las. O grafismo, a predominância do preto e as dobraduras nos corpos surgem nos anos 1970, quando Navarro começou a ficar mais conhecido. Na década de 80, ele pintou músicos, pescadores e marinheiros. Por fim, nos anos 1990, retomou o romantismo para fechar seu legado.

Segundo Gustavo Sobral, o sertão é a porta de entrada e o caminho em que traçará a sua literatura entre 1949 e 1970. "No entanto, na contramão de Rachel de Queiroz de O Quinze e de Graciliano em Vidas Secas, Navarro construirá a sua literatura não

como imitação de estilo, mas com períodos literários em que não só importam as ações e os fatos para a composição de uma narrativa".

No ensaio biográfico Um Anjo Feito Sereno, lançado em 2013, Sheyla Azevedo não só retrata por meio de dezenas de entrevistas a obra do artista, mas também o homenageia em cada palavra. "Eu penso que a obra pictórica de Newton Navarro é uma referência local para todo o país e também para o mundo. Mas a importância dele não é só enquanto um criador, um artista. Ele foi também um realizador artístico e cultural".

Um dos exemplos usados por Sheyla foi de quando Newton Navarro trouxe o movimento modernista para Natal. “A primeira mostra que fugia do ‘figurativismo de salão’ comumente encontrado aqui ele fez sozinho e, um ano depois, ao lado de Ivon Rodrigues e Dorian Gray, eles dão uma mexida na sociedade com a primeira exposição de Arte Mo-

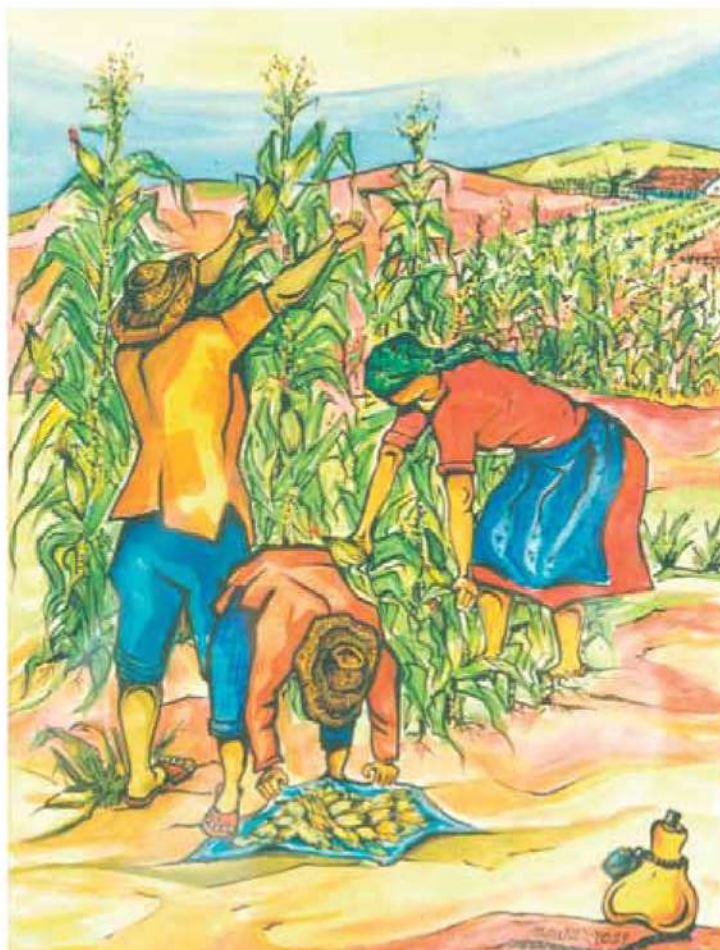
derna de Natal, em dezembro de 1949. De lá para cá, o que foi feito depois teve o impacto desse movimento deles. Newton também foi responsável pela criação da Escolinha de Arte Cândido Portinari, outro momento interessante cuja proposta pedagógica ele foi buscar na Escolinha de Arte do Brasil, do Augusto Rodrigues”, explica a jornalista.



Sheyla Azevedo, jornalista



Um dos desenhos, grafite sobre o papel



Newton Navarro desenhou e pintou homens e mulheres do sertão, vaqueiros, cangaceiros e pescadores

Memória

Murais, desenhos, crônicas, livros, pinturas e demais obras de Newton Navarro estão espalhados pela cidade, assim como o artista caminhava por becos e ruas de Natal. Sua arte pode ser encontrada desde acervos a paredes de instituições. “Newton nunca deixou de existir porque está presente na cidade. Quando a noite cai e o céu fica de um azulado lindo, são os azuis das cores de Newton. Quando vê uma cena da Pedra do Rosário e olha o Rio Potengi, é Newton Navarro. Quando a noite cai e a vida começa nos bares, Newton está presente na vida da cidade». É assim que o biógrafo Gustavo Sobral resume a memória do artista que retratou a beleza da capital que tanto amou.

Em 1998, a Federação das Indústrias do Rio Grande do Norte (Fiern) lançou “Navarro Obra Completa”, reunindo em dois volumes toda a publicação literária de Newton Navarro até então. Constam na edição todos os títulos: Subúrbio do Silêncio (1953), ABC do Cantador Clarimundo (1955), O Solitário Vento do Verão (1961), 30 Crônicas Não Selecionadas (1969), Os Mortos São Estrangeiros (1970), Beira-Rio, (1970), “Do Outro Lado do Rio, Entre os Morros” (1975), De Como Se Perdeu o Gajeiro Curió (1978) – com exceção da sua obra teatral, ainda inédita. Navarro

então voltou à cena literária, toda a sua obra publicada se encontrava esgotada, de acordo com Sobral. O Sebo Vermelho, na Cidade Alta, edições de Abimael Silva, também traz algumas obras.

Boa parte da obra literária foi reeditada pela editora da UFRN

(Edufrn). Em edição organizada por Helton Rubiano e Gustavo Sobral, foi republicado o Solitário Vento do Verão, que integra coleção com trabalhos inéditos para a bibliografia. “60 anos depois trago um livro inédito de Newton”, comemora Sobral.



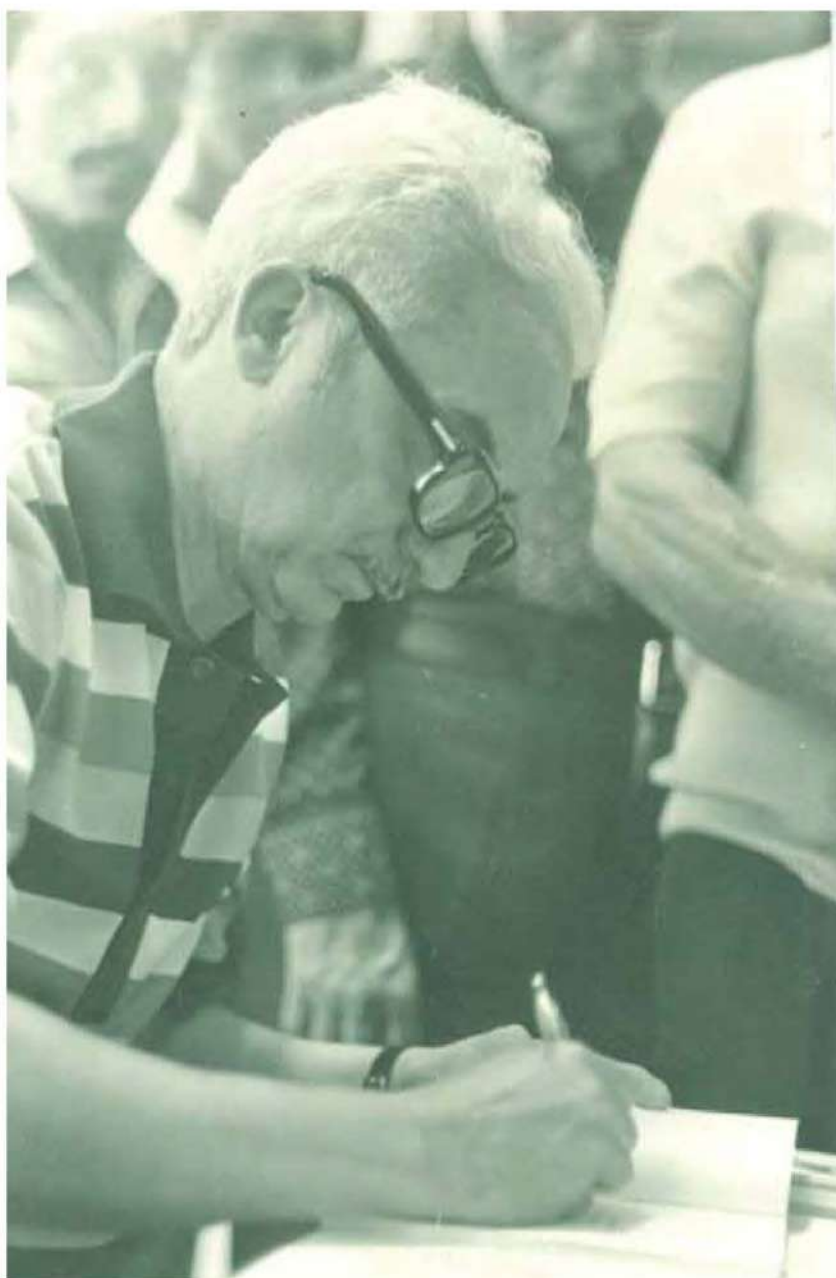
Jorge Amado encontra Newton Navarro em sua última passagem por Natal, em 1978

O adeus

Newton Navarro partiu em 1992, aos 63 anos de idade. Deixou seus traços geométricos como marca registrada. Sua pintura foi comparada à arte de Cândido Portinari. Nas suas telas as mulheres eram rendeiras e os homens eram vaqueiros ou pescadores. Não abria mão das características do homem nordestino. Tanto que um dia declarou: “Mesmo quando pinto Dom Quixote, eu desenho um Dom Quixote vestido de vaqueiro, com traços e características do homem nordestino”.

Assim como Portinari, Navarro foi autor de pintura mural. De acordo com a dissertação de Isaías Ribeiro no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFRN, “Murais Modernos de Newton Navarro e Dorian Gray”, muitos dos murais de Navarro foram destruídos com a demolição ou reforma nas edificações em que estava a arte do ilustre potiguar. Mas ainda é possível encontrar algumas resistentes, como na sede do Clube América e no IFRN (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do RN), que traçou ao lado do grande amigo Dorian Gray.

Nas pesquisas feitas por Isaías Ribeiro, Navarro também estudou pintura com André Lhote, artista e crítico francês da escola cubista; e gravura com Oswaldo Goeldi, no Rio de Janeiro. Em 1951 visitou museus e instituições cultu-



Newton Navarro faleceu em 1992, aos 63 anos de idade

rais em Buenos Aires (Argentina). No ano de 1964 esteve em diversas cidades europeias em busca de aperfeiçoar sua arte. No Nordeste brasileiro, participou de exposições coletivas nas capitais Natal (RN), Salvador (BA), Recife (PE),

João Pessoa (PB) e Fortaleza (CE). Na Europa, seus trabalhos foram apresentados em Lisboa (Portugal), Madri (Espanha) e Paris.

Imortal da Academia de Letras do RN, ocupou a cadeira do poeta Jorge Fernandes. E viva Navarro!



Parceiros antigos

A ligação do Rio Grande do Norte com os Estados Unidos vai além do período da Segunda Guerra Mundial. O estado foi o maior beneficiário do Brasil com recursos financeiros norte-americanos para investir em educação, após intervenção feita pelo então governador Aluísio Alves

Por Rafael Barbosa



MUITO SE FALA NO apoio que o Rio Grande do Norte deu às tropas norte-americanas durante a Segunda Guerra Mundial e aos costumes trazidos que fizeram o estado pioneiro no Brasil em mascar chicletes, tomar Coca-Cola, usar calça jeans etc. Mas essa relação é anterior a esse período que marcou época. Dados históricos indicam a participação direta dos governos estadunidenses na construção de escolas e de conjunto habitacional em Natal, a capital potiguar, no transcorrer da Guerra Fria.

Na década de 1960, a capital banhada pelo Rio Potengi foi uma das

maiores beneficiadas com as verbas enviadas para o Brasil pela presidência do país norte-americano no projeto chamado “Aliança para o Progresso”. De acordo com o que explica o historiador Anderson Tavares de Lyra, a parceria resultou no financiamento para a construção do que hoje são o Instituto Presidente Kennedy e a Escola Estadual Winston Churchill, além do conjunto habitacional Cidade da Esperança, que fica na zona Oeste de Natal.

“Era um dinheiro que os Estados Unidos usavam para ir de encontro com a União Soviética. Estamos falando do período da Guerra Fria. Você tinha a União Soviética financiando Cuba, e os Estados Unidos acharam por bem financiar outros países periféricos, inclusive o Brasil, trabalhando em cima das principais demandas que esses países tinham. No Brasil, a equipe que veio detectou que em princípio seria trabalhar pela educação”.

O estado de Poty foi o maior beneficiado com essa história. Segundo o historiador, o então governador Aluizio Alves foi até os Estados Unidos reclamar mais dinheiro para o RN. “Ele vai diretamente aos Estados Unidos porque, como o governo federal estava sendo exercido pelo governo de João Goulart, sentiu que o dinheiro não estava sendo repassado, estava sendo retido. Então ele vai diretamente lá reclamar o dinheiro para o Rio Grande do Norte. O estado acabou sendo o que mais recebeu

investimentos em função da viagem do governador”.

Àquela época, Aluizio Alves já não estava mais alinhado a Jango e apoiaria logo então o golpe militar de 1964. No ano que os militares tomaram o poder, o Instituto Kennedy foi inaugurado em Natal. “Esse dinheiro ele investiu prioritariamente em dois setores: habitação e educação. E aí surge o Colégio Estadual Presidente Kennedy, como era a nomenclatura na época, em homenagem ao presidente as-

sassinado, porque essa ideia da aliança para o progresso surgiu de Kennedy, só que ele não pode efetivar. Inclusive ele tinha uma viagem marcada para conhecer o Nordeste brasileiro, mas aí foi assassinado e quem assumiu essa postura e efetivou essas ações foi o irmão dele, Bob Kennedy, que também foi assassinado posteriormente, em campanha política para presidente dos Estados Unidos, pouco depois de estar em Natal para inaugurar a escola”, conta Anderson Tavares de Lyra.



Cidade da Esperança, primeiro conjunto habitacional da cidade do Natal e financiado pelos americanos



Winston Spencer-Churchill, primeiro-ministro britânico



Presidente dos EUA, Kennedy foi assassinado em 1963, no Texas

O presidente John F. Kennedy foi morto após ser atingido por disparo de arma de fogo enquanto circulava no carro presidencial pelas ruas de Dallas, no Texas, em novembro de 1963. Ele foi o 35º presidente dos EUA, sendo o quarto assassinado. Seu irmão Robert “Bob” Kennedy foi morto quando era senador pelos EUA, também a tiros, por um imigrante palestino em um hotel na cidade de Los Angeles, estado da Califórnia, em 1968.

Com o mesmo dinheiro que chegou ao RN, Aluizio Alves deu início também à construção do Conjunto Habitacional Cidade da Esperança, em Natal.



Bob Kennedy e Aluizio Alves, em Natal

Winston Churchill

Sobre a construção do Colégio Estadual Winston Churchill, batizado em homenagem ao estadista britânico, o historiador diz que também foi fruto do financiamento estadunidense. Porém, nesse momento, os recursos conseguidos para o Brasil já não eram mais tão robustos. “Notei na pesquisa que os recursos já estavam se esvaindo. A escola foi terminada com dinheiro do Ministério da Educação e da Cultura, nosso, em um programa específico para a educação, mas um programa brasileiro. Quem terminou a estrutura foi o então governador Monsenhor Walfredo Gurgel, em 1968”.

As obras começaram em 1965 e continuaram a passos lentos para a conclusão devido a escassez



O Colégio Estadual Winston Churchill foi inaugurado em 1968

de dinheiro. A escola começou com 800 alunos, com grande estrutura. “O secretário de Educação da época, Jarbas Bezerra, até achou que nem teria essa quantidade de estudantes matriculados, mas teve,

começou grande para a época. Para eles, estavam achando ótimo. Porque era educação, né? E estava dando certo”. As duas escolas passaram anos sendo referência em ensino no Rio Grande do Norte.



Colégio Estadual Winston Churchill atualmente



Instituto Presidente Kennedy hoje é centro de formação de professores do RN

Formação de professores

Atualmente, o Instituto Presidente Kennedy, localizado na Rua Jaguarari, em Natal, é um centro de formação de professores do estado. Anderson Tavares de Lyra explica que a mudança aconteceu com a evolução da dinâmica educacional no RN. “A antiga Escola Normal, fundada por Alberto Maranhão em 1908, é absorvida pelo Instituto Presidente Kennedy, que hoje forma professores. Foram aproximadamente 10 anos como escola para a modificação que transformou em Instituto, nos anos de 1970”.

No dia 22 de novembro de 1964, Aluizio Alves inaugura o Instituto Presidente Kennedy na presença do então senador Bob Kennedy, que fez para o público o símbolo da campanha de AA. O evento foi realizado na chamada Praça da Imprensa, que hoje é o cruzamento entre a Avenida Rio



Busto do presidente Kennedy, que fica em frente ao edifício Ducal, no centro da cidade, em Natal

Branco e a Rua João Pessoa, na Cidade Alta, onde foi posto um busto de John Kennedy, em frente ao imóvel em formato cilíndrico onde funcionou o Ducal Palace Hotel, outro marco do governo de Aluizio Alves. “Era uma grande parede com uma coluna sustentando. Na ponta, tinha um pedestal com o busto, ao lado uma frase de Kenne-

dy e abaixo duas mãos apertando”, detalha Anderson.

Esse busto foi roubado nos anos 2000 e a Prefeitura de Natal providenciou uma réplica, de menor proporção, e pôs no lugar. A réplica atualmente ainda enfeita a grande calçada próxima ao cruzamento, simbolizando a parceria potiguar-estadunidense.

FLASHES E HOLOFOTES

Fotos Paulo Lima/Brasília

Charles Philippe d'Orléans e Álvaro Pastor apresentaram a sua nova marca, a No Logo Polo, em grande estilo no Hotel Palácio do Estoril, com uma "Champagne Garden Party". Esta marca de polos para homens pretende ser uma nova geração de polos, de produtos sustentáveis, socialmente responsáveis e amigos do meio-ambiente. Álvaro Pastor declara com orgulho: "Gostamos de pensar que os nossos valores, o nosso modelo de negócio e os nossos métodos de produção fazem a diferença para o ambiente: amamos o nosso planeta e cuidamos dele." O cocktail reuniu a sociedade influente de Lisboa e Cascais num ambiente amigável e descontraído para celebrar a marca que é 100% portuguesa, um belo exemplo de tradição e do know-how do país. O design foi produzido pelos dois fundadores, que falam de um polo diferente, com gola mais estruturada e estilo italiano, para usar em qualquer ocasião: para desporto, casual ou até com blazer. "Para nós, a idade não importa. O que importa é seu estado de espírito, sua liberdade, seus sonhos. Este polo vai sempre adaptar-se ao seu estilo de vida e às suas atividades, seja para desporto, ir à praia, passear, viajar, trabalhar, ficar em casa, relaxar ou sair com os amigos", diz Charles-Philippe d'Orléans



Sócios da marca, o príncipe francês Charles-Philippe d'Orléans e o espanhol Álvaro Pastor, que residem em Portugal, com Margarida Carvalho, do Yupi Yupi Chic



Os amigos Luis Henrique Sanchez e João Filipe de Almeida



O argumentista Rui Vilhena



Francisco Corrêa de Barros, director-geral do Palácio Estoril



Rita Caneças



Empresário espanhol Luis Henrique Sanchez



Miguel Horta e Costa



Victor Pinto de Sousa e Manuela Medeiros (leia-se Parfois)



Avocat



VÉU E GRINALDA

Fotos: Augusto César

Diante do mais belo cenário do pôr-do-sol na Lagoa de Extremoz, Natasha Gelelaite e Abílio Oliveira juraram amor eterno, sob as bênçãos do padre Nazareno, em ambiente romântico decorado por Luciano Almeida, no Condomínio Extremoz Ecobrasil, ao som do grupo Harmonium. Depois, tilintares de borbulhas e Gold Label para celebrar, ao som de de Feel Strings, DJ Daniel Jesus, bandas Dubê, Forró do Bom (CE) e Andre Luvi. A beleza da noiva foi complementada pelo elogiado vestido com o grito Pronoivas, de Nova York.

Bençãos do padre Nazareno sob belo cenário

PUBLICADA EM DEZEMBRO DE 2014



A noite se iluminou após o sim



Caprichada ambientação



Bela noiva, belo vestido



Brinde ao amor



O noivo com os pais Maia Lúcia e Marcondes Oliveira



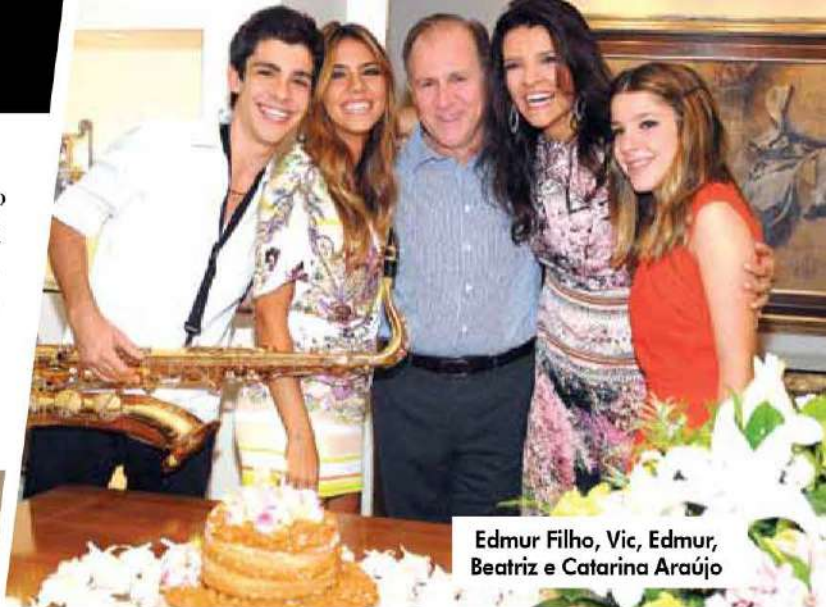
Com os casais amigos Maristela e Vicente Freire. Ana Esmera e Dickson Fonseca

[REVISTA Bzzz]

B-DAY

Fotos: Paulo Lima

O aniversário de Beatriz Araújo, esposa do diretor do Hospital do Coração de Brasília, Edmur Araújo, foi comemorado em um descontraído happy hour na residência do casal no Lago Sul, na capital federal. O herdeiro dos anfitriões, Edmur Filho, animou os convidados e homenageou a mãe tocando seu saxofone.



Edmur Filho, Vic, Edmur, Beatriz e Catarina Araújo



Karina e Karen Rosso com Melissa Gontijo



Marília Nogueira, Magali Oliveira, Roberta Rollemberg e Ana Karina Rocha



Maria da Graça Miziara, Cristiane Adriano e Daniela Endres



Ada e Vânia Carvalho



Flávia Kortopassi e Renata Foresti



Adriana de Paula Oliveira e Luciana Baena



Benigna e Victória Venâncio



Ana Maria Gontijo, Ivanilde Aleida e Rosany Ribeiro

UNIÃO

Fotos: Paulo Lima

Em uma noite cercada de emoção, Larissa Benevides e André Rodrigues disseram o esperado "sim". A cerimônia religiosa foi celebrada pelo cardeal Dom José Freire Falcão, na Igreja Nossa Senhora Perpétuo do Socorro, em Brasília, Distrito Federal. A recepção, para 600 convidados, foi realizada na Hípica Hall.

Animação não faltou até o dia amanhecer, ao som da banda DNA, do sertanejo do cantor Lucas Viana e da animada pick up do DJ Ricardo Oliveira. O cerimonial ficou por conta de César Serra, decoração de Valéria Leão e o bufê de Renata La Porta. No dia seguinte, o casal voltou à igreja para agradecer e ofertar a união a Deus. Após as celebrações, os noivos viajaram para a lua de mel em Dubai e Ilhas Maldivas.

Gláucia Benevides(mãe da noiva), Esteves Colnago(padastro), Larissa, André, Virginia e Carlos Eduardo Campos(pais do noivo)

PUBLICADA EM DEZEMBRO DE 2014

Maria Regina, Marisa e Regina Maria Benevides

Matheus, Regina e Mauro Benevides com Suellem Nakao

Paulo e Vera Castelo Branco, Iza e Antônio Matias

Layla Benevides

Suzy Pena e Luciano de Fari

Zélia Leite Chaves, Anita Maia, Marlú e Maria Inês Noaueira



**Mais de 200 revistas por apenas
R\$ 22,90/mês.**



GoRead oferece acesso ilimitado a revistas de todos os segmentos. Você pode ler no seu smartphone ou tablet, ou baixar para ler quando quiser, mesmo offline.

GoRead. As melhores revistas em um único app.

EXPERIMENTE
30 DIAS GRÁTIS

Acesse **goread.com.br**
ou baixe o aplicativo.





EZEQUIEL FERREIRA DE SOUZA
Presidente da Assembleia Legislativa do Rio
Grande do Norte e autor do PL 2358/2020

Violência doméstica: precisamos dar um basta nisso

AS NOTÍCIAS SÃO GRAVES. CRUÉIS.
SÃO MORTES INTENCIONAIS. SÃO
AGRESSÕES INESCRUPULOSAS.

“**B**riga de casal termina com marido e mulher mortos na Grande Natal”. Caso aconteceu na praia de Genipabu, no município de Extremoz. Luiz Guilherme, de 62 anos, e Karenina Rêgo, de 49, morreram esfaqueados. O fato aconteceu em 17 de julho deste ano, mas nunca deveria ter acontecido. “Filha mata mãe com golpes de faca e marreta na Zona Oeste de Natal”. Segundo Polícia Civil, mulher de 18 anos confessou crime e disse ter cometido ato extremo por medo de ser expulsa de casa. Outro fato ocorrido em 30 de junho recente, mas que também não deveria ter acontecido.

Os fatos acima são registros recentes de violência doméstica. Conceitualmente trata-se de um padrão de comportamento que envolve violência ou outro tipo de abuso por parte de uma

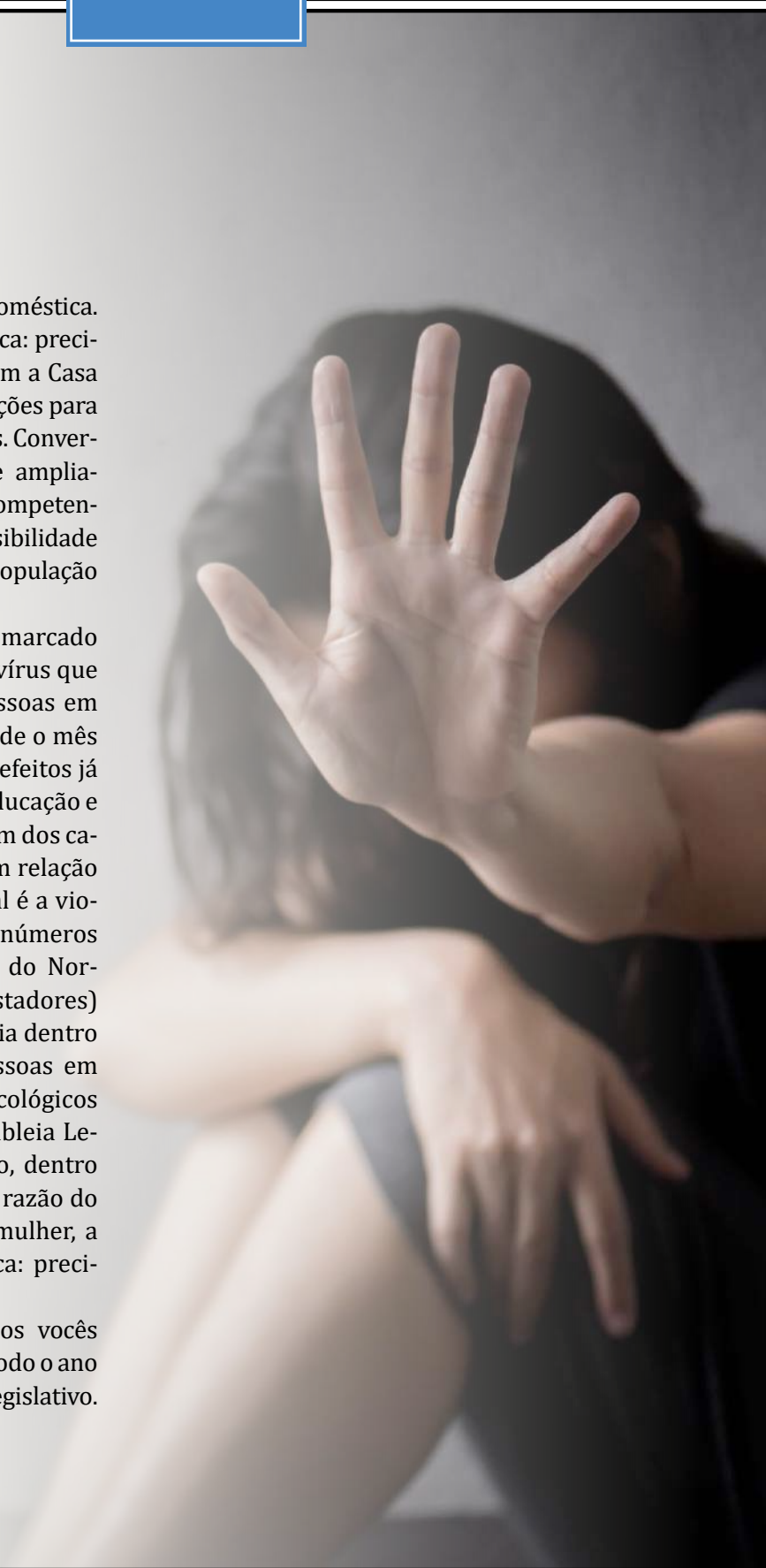
pessoa contra outra num contexto doméstico, como no caso de um casamento ou união de facto, ou contra crianças ou idosos. Quando é perpetrada por um cônjuge ou parceiro numa relação íntima contra o outro cônjuge ou parceiro denomina-se violência conjugal, podendo ocorrer tanto entre relações heterossexuais como homossexuais, ou ainda entre antigos parceiros ou cônjuges. A violência doméstica pode assumir diversos tipos, incluindo abusos físicos, verbais, emocionais, econômicos, religiosos, reprodutivos e sexuais. Estes abusos podem assumir desde formas sutis e coercivas até violação conjugal e abusos físicos violentos.

Durante todo o mês de agosto, a Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte fez um chamamento para a sociedade. Teremos a campanha de conscien-

tização e combate à violência doméstica. Com o tema, “Violência doméstica: precisamos dar um basta nisso”, assim a Casa Legislativa inicia uma série de ações para o acolhimento e apoio às vítimas. Conversamos; recebemos sugestões e ampliamos as ações junto aos órgãos competentes. Entendemos que garantir visibilidade à temática e contribuir com a população também é papel do Legislativo.

O ano de 2020 está sendo marcado pela pandemia do novo coronavírus que provocou o isolamento das pessoas em suas casas, em quarentena, desde o mês de março. O mundo parou e os efeitos já são sentidos na economia, na educação e em questões sociais também. Um dos casos que mais chama atenção em relação ao período de isolamento social é a violência doméstica. No Brasil, os números aumentaram e no Rio Grande do Norte, os casos cresceram (assustadores) 258%. Para combater a violência dentro de casa e conscientizar as pessoas em relação aos danos físicos e psicológicos que a vítima acumula, a Assembleia Legislativa lança agora em agosto, dentro das ações do “Agosto Lilás”, em razão do combate a violência contra a mulher, a campanha “Violência Doméstica: precisamos dar um basta nisso”.

Esperamos contar com todos vocês não apenas em agosto, mas em todo o ano e demais atividades do Poder Legislativo.



experimente
30 DIAS GRÁTIS

Acesso ilimitado a
dezenas de publicações

Assine por R\$ 9,90



**Informação rápida,
simples e barata.**

As principais revistas,
jornais e livros em um só lugar!



boraler
publicações digitais



www.boraler.com.br